Geovani Németh-Torres
(Organização)

Lavras Sport Club:

Documentos Históricos do Pioneiro de Nosso Futebol (1913-1937)

GEOVANI NÉMETH-TORRES
(organização)

LAVRAS SPORT CLUB:

DOCUMENTOS HISTÓRICOS DO PIONEIRO DE NOSSO FUTEBOL
(1913-1937)

Edição do Autor

Lavras – MG

2013

Série Lavrensiana, Volume IV

© Copyright by Geovani Németh-Torres

Endereço para correspondência: Rua Tiradentes, 159. Centro. Lavras (MG). CEP: 37.200-000.
E-mail: nemeth.torres@yahoo.com.br
Internet: http://historiadelavras.blogspot.com

Desde que citada a fonte, o autor autoriza a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo ou pesquisa.

Németh-Torres, Geovani (org.)
Lavras Sport Club: Documentos Históricos do Pioneiro de Nosso Futebol (1913-1937) / Geovani Németh-Torres. – Lavras, MG: Edição do Autor, 2013.
53 p. : il.

1. História do Brasil. 2. Lavras. 3. Futebol. I. Título.

CDD – 981.51

Capa: Escudo do Lavras Sport Club segundo fotos da época.

1.ª Edição

Treina, treina,
Treina sem cessar
Para quando entrar em campo
A vitória conquistar!

(Do Hino do *Lavras Sport Club*,
de autoria de Ezelino Falsoni)

Prefácio

Enquanto vivemos um momento de grande importância histórica estando às vésperas da segunda Copa do Mundo de futebol disputada em solo brasileiro, muitos lavrenses talvez desejassem que a situação de nossas equipes locais estivesse em melhores condições, semelhantes aos tempos de triunfos e conquistas que jazem num passado cada vez mais distante. Felizmente notícias recentes sugerem que essa apatia e hibernação de nossos clubes tradicionais pode estar próxima de acabar, como o anúncio do retorno do Fabril às disputas do Campeonato Mineiro. Torçamos!

Já foi dito que a tragédia do homem é o esquecimento. É, pois, lamentável que o centenário do futebol lavrense, comemorado neste ano, foi quase totalmente ignorado pelos nossos conterrâneos. De fato, foi em 3 de agosto de 1913 que tudo começou. Nos românticos anos da Belle Époque*, quando nossa cidade passava por drásticas e decisivas mudanças, alguns jovens ávidos por novidades e cheios de energia e iniciativa fundariam nosso primeiro clube futebolístico, o* Lavras Sport Club.

Este volume é uma coletânea de textos que fazem parte dos arquivos do Museu Bi Moreira e que retratam a história do pioneiro do futebol lavrense. O mais importante, sem dúvida, é o emocionante registro das memórias de Getúlio de Oliveira, um dos fundadores do clube, escrito em sua velhice já no início dos anos 1970. As crônicas de Getúlio são fontes inestimáveis, já que, como o próprio autor comenta, foram poucos os arquivos do Lavras *que sobreviveram ao tempo, vitimados pelo descaso irrefletido e que contribuíram para a ignorância de nossa história esportiva. Não deixa de ser um paradoxo atual que, se boa parte dos lavrenses se interessam por futebol – de outros centros, Estados, continentes... – há também quantidade não menor de torcedores que simplesmente desconhecem as histórias do futebol de sua cidade!*

Verdade seja dita, raras são as pessoas ainda vivas que chegaram a assistir as partidas no campo da Rua do Fogo naqueles tempos tão recuados, como o derby *local contra o Instituto, o clássico regional contra o Athletic de São João del-Rei ou a partida épica contra o Clube Atlético Mineiro em 1929. Foi justamente este o apogeu do* Lavras.

Na década seguinte, quando o futebol brasileiro definitivamente se profissionalizava, o clube se viu em dificuldades administrativas frente este novo panorama, assim sua trajetória foi parcialmente interrompida em 1937, através da absorção do clube à recém fundada Associação Olímpica de Lavras. *Começava aí um novo capítulo nos anais esportivos lavrenses, encabeçados pela* Olímpica*, pelo* Fabril *e pela* Ferroviária*... mas esta é uma história ainda a ser contada...*

Geovani Németh-Torres

ÍNDICE

1 O FOOT-BALL
(Notícia de "O Município", 7 de março de 1913) 7

2 LAVRAS SPORT CLUB: 15.º ANIVERSÁRIO DO ALVI-RUBRO
(Jornal Comemorativo escrito por Jorge Duarte, 3 de agosto de 1928) 9

3 O AUGE: PARTIDA CONTRA O ATLÉTICO DE BELO HORIZONTE
(Anúncio do jogo, 1929) 16

4 OS HINOS
(Hinos de Hernani Negrão e de Ezelino Falsoni) 17

5 RESULTADOS HISTÓRICOS
(Compilação) 19

6 LAVRAS SPORT CLUB: (SEU NASCIMENTO, VIDA E... MORTE. MEMÓRIAS)
(Depoimento Histórico de Getúlio de Oliveira, 1972) 20

7 GETÚLIO, O FILÓSOFO E HISTORIADOR
(Coluna do Bi Moreira na "Tribuna de Lavras", 1.º de julho de 1973) 49

8 VULTOS DO PASSADO
(Lista de pessoas ligadas ao Lavras) 52

9 REFERÊNCIAS 53

1 O FOOT-BALL

(Notícia de "O Município", 7 de março de 1913)

Quando foi trazido da Grã Bretanha para nosso meio, o *foot-ball*[1] teve um acolhimento entusiástico da rapaziada, que viu nele um ótimo esporte para a cultura física do nosso povo. Não mereceu, entretanto, a mesma manifestação de apoio por parte dos velhos que constituem ainda hoje uma respeitável corrente de antipatia contra o belo e admirável esporte bretão.

Arbusto transplantado da região nativa para outras paragens, de climas diversos, de solo diferente, disse alguém, requer o máximo cuidado no tratamento, exige muito adubo a fim de que germine, floresça e frutifique.

Assim, o *foot-ball*, de que nos foi enviado do outro lado do Atlântico, necessita de muita propaganda, de muito desvelo de nossa parte, cá no interior, a fim de que não murche à falta de carinho. Nos grandes centros brasileiros, em São Paulo e no Rio, já tem ele, há muitos anos, grande influência e uma enorme quantidade de adeptos, sobretudo no sexo feminino.

Aqui, em Lavras, até há pouco, não tinha ele a menor aceitação. Era considerado bárbaro, estúpido e retrógrado, por todos ou quase todos. É necessário vencer esta parte hostil de nosso povo, demonstrando-lhe que o *foot-ball* não é, como ele julga, um esporte grosseiro e brutal, mas sim uma organização perfeita e admirável para o desenvolvimento do corpo, e, longe do que ele imagina, ao contrário, um excelente meio para a conservação da saúde. É mister que tenhamos a máxima força de vontade, que empreguemos os maiores esforços no sentido de provar a esses que nos fazem guerra, ser o *foot-ball* não só simples diversão, mero jogo recreativo, mas também e principalmente, um método educativo de primeira ordem, dando-nos exemplo digno de nota. O *sportsman*[2] vê-se ali sob um regime de dirigir e ser dirigido; aprender a ter disciplina porque obedece ao seu "*capitain*"[3], tendo em vista que depende (...) a probabilidade no êxito na observância às ordens do superior. Ele pode ali ver as vantagens da cooperação e o erro de querer fazer tudo por si, sem auxílio alheio.

Nós sabemos pelas notícias que nos chegam da Europa como se têm distinguido na atual guerra os *foot-ballers*[4] ingleses. Ainda há pouco vi num jornal carioca o retrato de Harry

[1] Perceber-se-á que o constante uso de anglicismos, próprios do futebol do início do Século XX.
[2] Ing.: Desportista.
[3] Ing.: Capitão.
[4] Ing.: Futebolista.

Robinson[5], o brilhante e extraordinário "*keeper*"[6] que o Rio admirou nesses últimos anos, e que está agora combatendo pela sua pátria. Como irradia de contentamento aquele (...) franco de Harry, enfatuado no seu uniforme de soldado inglês! Parece, diz o jornal, que ele está se preparando tranquilamente a fim de ir ao "*ground*"[7] disputar um "*match*"[8] de *foot-ball*! É que Robinson, "*goal-keeper*" de primeira plana, pois, como os demais companheiros, está habituado à fadiga, à energia física e resistência adquirida no *sport*, e ainda tem o moral preparado para submeter-se sem retorquir às ordens superiores e pode cooperar proficuamente o *desideratum*: "um por todos e todos por um".

A mocidade brasileira deve, pois, zelar dos interesses do *foot-ball*, o que representa trabalhar pelo engrandecimento de nossa pátria, do nosso estremecido Brasil.

Precisamos imitar a Inglaterra, país forte e rico, forte que tem homens de cérebro, forte porque tem homens de força física, e onde o *foot-ball* é cultivado até pelas senhoras; e conseguido isso, teremos dado um grande passo no sentido de fazer do nosso um povo valoroso e robusto como requer o nosso solo tão fértil, e que necessita de força e de energia para o seu cultivo.

AROUET.

Do "Lavras Sport Club".

[5] O texto fala que o jogador inglês era goleiro, embora houvesse naquela época um famoso Harry Robinson jogando no Rio de Janeiro e que foi artilheiro e campeão do Campeonato Carioca (Liga Metropolitana de Futebol) de 1912 pelo Payssandu, além de ser o autor da façanha de marcar 8 gols na vitória por 12x0 contra o Madureira [Placar, n. 1099, dez. 1994, p. 84]. Não obstante, foi também um Harry Robinson o árbitro da primeira partida da Seleção Brasileira contra o Exeter City, em 1914 [CBF].

[6] *Keeper* ou *Goal-keeper*. Ing.: Goleiro.

[7] Ing.: Campo de futebol.

[8] Ing.: Jogo.

2 LAVRAS SPORT CLUB: 15.º ANIVERSÁRIO DO ALVI-RUBRO

(Jornal Comemorativo escrito por Jorge Duarte, 3 de agosto de 1928)

Um sonho de moços

Agosto, mês do desgosto. Mentira da superstição. Agosto, mês da quimera, porque é o mês dourado do ipê. O ipê é a árvore da ilusão. As árvores se vestem de branco, como uma noiva: cobrem-se de roxo, ataviam-se de amarelo, feito melindrosas que vão para o baile.

Setembro chega. O vento mata as flores de ipê. E as árvores com os seus galhos voltados para o céu, parecem esqueletos vegetais. E a glória efêmera do ipê é uma imagem da ilusão: dura pouco.

A fundação

Foi em 3 de agosto de 1913 que um grupo de rapazes lavrenses resolveu fundar um clube de futebol nesta mui nobre e mui leal cidade de Sant'Ana das Lavras do Funil. O esporte, na cidade, era coisa desconhecida. Só no Ginásio de Lavras[9], onde o "*association*"[10] se introduzira alguns anos antes, o esporte bretão era praticado. A meninada lavrense realizava os seus primeiros ensaios com toranjas e bolas de pano. Foi, então, que um moço pernambucano, recém chegado aqui, para estudar na Escola Agrícola[11], resolveu, com o arrojo característico dos filhos do norte, a fundação de um clube de futebol.

A empresa era, por dois motivos, temerária. As sociedades recreativas, as sociedades de classe, têm, em nossa terra, vida efêmera. Nascem com entusiasmo formidável e morrem, criancinhas ainda. A animação fogo-de-palha, no caso especial do esporte, tinha, contra si, um tropeço que era um caso sério: o preconceito dos velhos. De fato. Os pais não queriam deixar que os filhos fossem ao campo dos esportes. "Nada de futebol, meu filho! Jogo bruto, quebra a perna, estraga os sapatos. É muito bom para os ingleses, esse jogo de dar coice na bola. Para brasileiro, não; brinca de pega-pega e de pique, por nacionalismo..."

[9] Atual "*Campus* Chácara" do Instituto Presbiteriano Gammon.
[10] Outro nome para se referir ao futebol.
[11] Atual Universidade Federal de Lavras.

Mas o grupinho de moços lavrenses, em 3 de agosto de 1913, realizava a eleição de sua primeira diretoria. Getúlio, Sólon, Juca Procópio, Renault, Marreta, Ezelino, Jonas Soeiro e Selvati lideraram o movimento.

Na esplanada da estação, aonde hoje se vêem as oficinas da Oeste de Minas, deram-se os primeiros treinos oficiais. A turma ia tomando gosto; a torcida se avolumava; e o primeiro *match* intermunicipal, com o "Athletic", de São João del-Rei, foi um acontecimento imperecível nos nossos anais esportivos.

Pode-se afirmar que este grande encontro tenha sido um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento esportivo local. Muitos elementos de destaque na sociedade lavrense, até então indiferentes, ou então francamente hostis, tornaram-se amigos do "Lavras", assistindo ao ruidoso *match*.

Vieram, mais tarde, renhidos encontros com o "Himalaia", do Ginásio. Ficaram célebres. A torcida era formidável. A rivalidade dividia francamente em partidos aguerridos, o nosso meio esportivo. Nossas senhoritas, que desde o início do clube foram um incentivo brilhante e gentil das suas glórias, tornavam-se, em assembléia geral solene, sócias honorárias do alvi-rubro.

Eram elas, segundo consta na ata de 7 de fevereiro de 1915: Elisa Paiva, Maria Paiva, Tereza Maia, Neném Pádua, Anália de Oliveira, Adélia Marafelli, Isaura Pádua, Helena Oliveira, Nair Pádua, Ameriquinha Paiva, Maria Bini, Julieta Paiva, Jenny Silveira, Júlia Andrade, Leonor Botelho, Ofélia Botelho, Henriqueta Bandeira, Anita Bandeira, Margarida Noguères, Carmelita Dessimoni, Odete de Pádua Florenzano, Natália Mesquita, Hermínia Moreira do Amaral, Maria Raphaela Florenzano e Elza Moura.

Esse período, de 1915 a 1919, foi, talvez, o mais brilhante da história do esporte lavrense. Nada menos de três clubes de futebol existiam na cidade: "Lavras", "Himalaia" e "Agrícola". Todos fortes, todos admiráveis. E o elemento feminino, seguindo o bom exemplo, fundou o "Sims Volley Ball Club", também coberto de flores em várias lutas intermunicipais.

O "*ground*" do "Lavras"

O movimento era propício para que se empreendesse a obra mais importante na vida do clube: conseguir-se-lhe um campo próprio. Vários cavalheiros deram à idéia franca e decidido apoio, o major Guadalupe, o cap. Lázaro, Amadeu Pinheiro, entre outros. O

comércio, generosamente, auxiliou com donativos vários, e capitalistas tomaram debêntures, de um empréstimo interno. Festivais se organizaram, com a valiosa colaboração de Guinho Cezarini e Ricciotti Volpe. Os sócios do clube *bancaram* o operário, prestando, aos domingos, o seu serviço de picareta, no *ground* da Rua do Fogo[12]. E em 8 de maio de 1919 o modesto *field*[13] podia oferecer aos nossos *sportsmen* o resultado de um esforço magnífico da sua diretoria, à cuja frente se encontrava Juca Venerando, que foi a alma daquele empreendimento, dedicando-lhe energia, muitas vezes em sacrifício de seus próprios interesses pessoais.

O velho "*team*"[14]

Era um *team* pesado, o *team* antigo. Parecia com a velha guarda de Napoleão: morria, mas não se rendia.

No livro de atas daquele tempo vemos registrada a seguinte esquadra, que em 12 de outubro de 1915 bateu o "Agrícola":

Geraldo
Marreta Getúlio
Tena Jonas Bahito
Orlando Matuia Guegué
Tutuia Pádua

Com o correr do tempo, alguns foram ficando *fundos*. Certos elementos do segundo *team*, aperfeiçoando-se, substituíram os decadentes e a esquadra do "Lavras" teve momentos de fulgor: Geraldo, explendido *goal-keeper*; Getúlio, Marreta, Ezelino, Jair, Barão, no *back*[15]; Tusinho, Benuarte, Capitão, Jonas, de *halfs* [*sic*][16]. Na linha de frente, Pádua, Aristídes, Jacinto, Tutuia, Guegué, Hernani, e quantos outros!

Dos *sportmen* que, ainda meninos, aqui começaram sua carreira esportiva, poderemos citar, entre outros, os seguintes, atualmente em grande destaque no futebol brasileiro: Floriano, do 1.º *team* do "América", do Rio, e muitas vezes *center-half* do *scratch*[17]

[12] Atual Rua Desembargador Alberto Luz.
[13] Ing.: Campo de futebol.
[14] Ing.: Equipe.
[15] O "*back*" é o defensor, donde veio a expressão "beque", o zagueiro.
[16] O "*half*" (plural: *halves*), em Inglês, é o jogador que atua no meio-campo.
[17] Como gíria futebolística, significa os selecionáveis de um time, escrete.

brasileiro; Toniquinho, *back* do "América", de Belo Horizonte, inúmeras vezes componente do *scratch* mineiro; Jonas, que jogou no 1.º *team* do "Andaraí", carioca, e no *scratch* juiz-forano, (e atualmente aposentado), tendo também praticado a "nobre arte" do *box*; Lourenço Dessimoni, do 2.º *team* do "Flamengo"; Itamar Rocha, do 2.º do "Fluminense".

O novo "*team*"

Os "jovens turcos"[18] do "Lavras" não são menos gloriosos do que a oligarquia de 1915. É um *team* homogêneo, que abandonou o arcaico *dribling*[19], representativo do jogo pessoal, para adotar a evolução da técnica futebolística, com o emprego dos passes curtos, rápidos, *à uruguaia*[20]. Distingue-se pela tenacidade, pelo brio esportivo, pelo amor às cores do pendão alvi-rubro. É de ver-se o entusiasmo do "onze" atual, em partidas de responsabilidade. Parece, muita vez, tudo perdido. O jogo vai-se desenrolando sem beleza, tardo, mole, monótono; o segundo *off-time*[21] se aproximando; o adversário domina; o *score*[22] aumenta desanimadoramente... Mas, de repente, o cenário muda de aspecto; de uma escapada de Nenenzinho resulta *escrimage*[23] veloz, trepidante, nervosa, e o "onze" é uma só alma dentro de um só corpo, e avança, e escapa, e luta e vence! A *torcida* frenética, num *frisson* de entusiasmo, vibra, falando por mil bocas: *goal*! No final da pugna o "Lavras" acaba sapecando com elegância e brilho o parceiro audaz...

É este o atual *team* do "Lavras":

Clóvis
Erasto Lula
Paulo Marco Vicente
Júlio Nazareno Custódio
Nenenzinho Dilermando

Já tendo jogado este ano, como reservas, no *team*: Japonês, Dé, Lourival, Caruá, Coelho, Tomé e Dito.

[18] Referência a um grupo político do Império Otomano que chegou ao poder no início do Século XX, sendo responsável por várias reformas modernizantes e constitucionalistas dentro do Império.
[19] Ing.: Drible.
[20] Na década de 1920, o Uruguai era a seleção mais vitoriosa do mundo, conquistando duas medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos (1924 e 1928), além do título na primeira Copa do Mundo (1930).
[21] Ing.: Final da partida.
[22] Ing.: Placar.
[23] Ing.: "*scrimmage*"; disputa de bola.

A glória do "Lavras"

O maior padrão de glórias do alvi-rubro é este o *team* que se apresenta em campo, representando o seu valor esportivo é genuinamente alvi-rubro. O "Lavras" não conhece o recurso desleal do "enxerto". Não conhece, não quer conhecer, e fica danado com quem quiser conhecer...

Daí, porque canta, sempre pimpão, o hino que o Hernani escreveu:

"Ao clube amado, ao campeão,
Ao nosso Lavras ideal:
Elevemos, de coração,
Um *hip hurrah* colossal!"

A última diretoria

Foi bastante movimentado o período administrativo de agosto de 1926 a julho de 1928, da presidência Orlando Sales: nada menos que 24 *matches* oficiais se realizaram, com 16 vitórias, 3 empates e 5 derrotas.

A atual diretoria

A diretoria que preside os destinos do clube está assim constituída:

Presidente: Lázaro de Azevedo Melo

Vice-Presidente: Augusto Selvati

1.º Secretário: F. P. Cunha

2.º Secretário: Nelson Figueiredo

1.º Tesoureiro: Joaquim Monteiro

2.º Tesoureiro: Ernani Selvati

Diretor Esportivo: Adalberto Carvalho

Vice-Diretor Esportivo: Erasto Emrich

Comissão Fiscal: Sílvio Teixeira de Carvalho, Américo Grandi, Fenelon Coutinho

Nos dois últimos domingos o "Lavras" realizou duas excursões: uma a Caxambu e outra a Cambuquira. Bebeu água mineral e bateu em ambos os *matches*.

Nota interessante

É digna de registro esta nota interessante: o "Athletic", o clube glorioso de São João del-Rei, que há três lustros aqui veio inaugurar o "Lavras", vem, agora, compartilhar com este as festas de júbilo na comemoração de seu 15.º aniversário.

Quinze anos são passados. O belo sonho esportivo que nós sonhamos um dia, aí está vivendo. A obra idealista de um grupo de moços lavrenses, com Getúlio de Oliveira, o valoroso *sportsman* à frente, ostenta os seus frutos generosos e fecundos.

O "Lavras" de hoje é uma vitória esplêndida. A venda de entradas, que nos outros tempos, quando apresentava uma receita de duzentos mil-réis era motivo de júbilo, sobe hoje a mais de um conto de réis nos *matches* oficiais importantes. Esse acontecimento econômico vale bem por um índice da evolução do esporte, entre nós.

O "Lavras" já tem seu campo próprio, sua sede própria e entidade jurídica. Mantém relações com todos os co-irmãos das cidades vizinhas, tendo já os seus *teams* travado luta com os *players*[24] de São João, Formiga, Perdões, Nepomuceno, Itapecerica, Três Corações, Varginha, Elói Mendes, Caxambu, Cambuquira, Turvo[25], Campo Belo, etc.

Alguns destes *teams* têm se apresentado para enfrentar o "Lavras" com verdadeiros *scratchs*, com especialidade os do sul de Minas, onde há clubes que só figuram com as camisas e os campos.

Três de agosto é um dia festivo para nossa mocidade. *Hurrah* "Lavras"!

Três vezes *hip hurrah* "Lavras Sport Club"!

Gíria esportiva

Temos a pretensão de que seremos lidos por muita gente. E como há muita gente que não está a par da gíria esportiva, vão aqui algumas explicações, misto de Inglês, de anglicismo, e de puro argot jeca-tatú:

Futebol – aportuguesamento da palavra inglesa *foot-ball*. Antigamente (quando a escola era risonha e franca) dizia-se: o nobre esporte bretão. Alguém pretendeu traduzir para o

[24] Ing.: Jogadores.
[25] Antiga denominação de Andrelândia, até 1930.

vernáculo e cavou isto: *ludopédio*. Mas todo mundo achou que era muito feia a palavra. Imagine-se uma torcedora gentil, a dizer: "o Totó é um *bicho* no ludopédio!". Não pegou. E ficou futebol mesmo...

Bicho – sujeito que joga bem o futebol.

Fundo – o que não sabe jogar.

Furada – quando se erra um *shoot*.

Shoot – pontapé na bola.

Foul – a gíria pronuncia *fáo*. Jogo errado, contra as regras.

Enxerto – jogador que não é, mas que finge que é do clube. Geralmente ganha para fingir que é o que não é. Desconhecido esse gênero de enxerto na ciência do dr. Voronoff.

Referee – é o juiz. Juiz imparcial é o que marca *fouls* só do outro clube. Juiz ladrão é o que marca os *fouls* do nosso *team*. O juiz é um caso curiosíssimo: precisa ter um estômago moral admirável. Se sofrer dispepsia do brio, não aguenta nem dez minutos no campo. Como recompensa de seus esforços costuma, entre outras amabilidades, ser chamado "ladrão", "sem vergonha", e outras comidas. É, às vezes, acariciado com os leques na cara e sombrinhas no nariz. Isso quando não apanha de fato.

Torcida – é a assistência; quando toma partido, *torce*. Torcida *camarada* é aquela que trata com agrado o adversário. Torcida *cachorra* é aquela que não é camarada. Torcida *renitente* é o belo sexo. A torcida é a vitória do feminismo, que, em campo, exibe até muque.

Ground ou *field* – é o campo de batalha.

Driblar – é enganar o parceiro com a bola. Não se usa mais.

Goal – duas estacas com uma trave em cima e uma rede de pescar bola.

Goal-keeper – em Português, arqueiro. É aquele jogador que fica no *goal*, na defesa. Posição ingrata que exige agilidade, golpe de vista e... *pello*.

Pello – sorte.

Back – jogador de defesa, que fica perto do *goal-keeper*. Precisa ter muque, calma e boas canelas para receber caneladas dos adversários.

Half – miscelânea de defesa e ataque. O *center-half* é o general do *team*.

Forward – são cinco num *team*, constituindo um batalhão de vanguarda. Também se diz dianteiro. O *center-forward* é o comandante, distribuindo os seus soldados. Por isso se chama uma moça namoradeira de *center-forward*: distribui o *flert*.

Team – ou equipe, ou *eleven*, ou "onze", ou esquadra. É a turma...

3 O AUGE: PARTIDA CONTRA O ATLÉTICO DE BELO HORIZONTE

JUNHO-27 1929 — QUINTA-FEIRA 1929 27-JUNHO

Lavras x Athletico

(B. HORIZONTE)

O Lavras que tantas glorias tem conquistado para nossa terra, tendo este anno jogado 8 matchs apenas perdeu uma vez, jogará com os seus proprios elementos, todos filhos de Lavras, os quaes mais uma vez se esforçarão para obter o mais glorioso triumpho para as cores de seu club, jogando com os mestres do foot-ball mineiro.

QUADRO DO LAVRAS

Clowis
Erasto — Dé
Vicente — Maéco — Paulo
Neuzico — Nazareno — Custodio — Léo — Dilermando

RESERVAS — Lito — Lourival — Boneco e Dito

O jogo do dia 27 de Junho, entre o "Lavras" e o "Athletico", de Bello Horizonte, ficará sem duvida, memoravel nas nossas rodas esportivas.

Para mostrarmos o valor sportivo do Athletico, vamos procurar fazer o seu historico; em 118 matchs, apenas perdeu 2 tendo ha poucos dias abatido o Corinthias de S. Paulo, o campeão paulista de 1928.

A embaixada Bellorizontina aqui chegará a 26 a noite pelo expresso da Oeste ás 7,45, onde será festivamente recebida pelo povo lavrense, a qual vem chefiada pelo Dr. Hernani Negrão, illustre filho do Lavras e ex-center-forward do LAVRAS SPORT CLUB.

VIRÁ ASSIM CONSTITUIDO O «TEAM» ATHLETICANO, CAMPEÃO MINEIRO:

OSWALDO—Keeper, o mais perfeito de Minas
ROMEU E BINGA—Bachs, uma parelha intransponivel
CORDEIRO BARROS E GETULIO—Halfs, linha media, perfeito na marcação.
DALMY E CUNHA—As mais rapidas extremas mineiras.
JAIRO, SAED E MARIO CASTRO—O trio maldicto de Minas, que assombrou a defesa do Corinthias Paulista.
Reservas—**PASI—CARLOS—GERALDINHO—MOURINHA.**

A DIRECTORIA faz um apello ao commercio de Lavras para fechar suas portas das 3 as 5 horas da tarde, afim de dar mais brilhantismo ao jogo com o seu valoroso concurso, auxiliando deste modo a construcção das archibancadas do Lavras.

A DIRECTORIA avisa que é expressamente prohibido permanecer dentro do campo e torcer de modo inconveniente.

PREÇOS DAS ENTRADAS

Homens . . 3$000 | Sras. e srtas. 1$500 | Crianças . . 1$500 | Autos . . . 3$000 | Socios, recibo do Junho

FICAM SUSPENSAS AS PERMANENTES

O JOGO COMEÇARÁ ÁS 15 E MEIA HORAS EM PONTO E SERÁ ACTUADO POR UM JUIZ DA LIGA MINEIRA.

QUINTA-FEIRA, 27 DE JUNHO, TODOS AO CAMPO DO LAVRAS!

Papelaria e Typographia Meniccuci—LAVRAS

Junho 27 – Quinta-feira – Lavras x Atlético (Belo Horizonte)		
O *Lavras* que tantas glórias tem conquistado para nossa terra, tendo este ano jogado 8 *matches* e apenas perdeu uma vez, jogará com os seus próprios elementos, todos filhos de Lavras, os quais mais uma vez se esforçarão para obter o mais glorioso triunfo para as cores de seu clube, jogando com os mestres do futebol mineiro.	**O jogo do dia 27 de junho entre o "Lavras" e o "Atlético" de Belo Horizonte ficará, sem dúvida, memorável nas nossas rodas esportivas.**	Para mostrar o valor do Atlético, vamos procurar fazer o seu histórico: em 118 *matches*, apenas perdeu 2, tendo há poucos dias batido o Corinthians de São Paulo, o campeão paulista de 1928. A embaixada belo-horizontina aqui chegará a 26 à noite pelo expresso da Oeste, às 19:45, onde será festivamente recebida pelo povo lavrense, o qual vem chefiado pelo Dr. Hernani Negrão, ilustre filho de Lavras e ex-*center-forward* do *Lavras S.C.*
Quadro do Lavras: Clówis Erasto Dé Vicente Maéco Paulo Neuzico Nazareno Custódio Léo Dilermando		Virá assim constituído o "*team*" atleticano, campeão mineiro: Oswaldo (*Keeper* mais perfeito de Minas); Romeu e Binga (*Bachs*, uma parelha intransponível); Cordeiro Barros e Getúlio (*Halves*, linha média, perfeita na marcação); Dalmy e Cunha (as mais rápidas extremas mineiras); Jairo, Saed e Mário Castro (o trio maldito de Minas, que assombrou a defesa do Corinthians Paulista). Reservas: Pasi, Carlos, Geraldinho, Mourinha.
A Diretoria faz um apelo aos comerciantes de Lavras para os comerciantes fecharem suas portas das 3 às 5 horas da tarde, a fim de dar mais brilhantismo ao jogo com o seu valoroso concurso, auxiliando deste modo a construção das arquibancadas do Lavras.		A Diretoria avisa que é expressamente proibido permanecer dentro do campo e torcer de modo inconveniente.
		O jogo começará às 15 e meia horas em ponto e será atuado por um juiz da liga mineira.
Preço das entradas: Homens (3$000), Sras. e Srtas.(1$500), Crianças (1$500), Autos (3$000), Sócios (recibo de junho)		**Quinta-feira, 27 de junho, todos ao campo do *Lavras!***
Ficam suspensas as permanentes		Papelaria e Tipografia Meniccuci – Lavras

4 OS HINOS

(Hino de Hernani Negrão)

1.º

Neste momento, ao Lavras *glorioso,*
Elevemos um hino, uma canção,
Que acorde do passado luminoso,
A glória adormecida em seu pendão!

Estr.:
Ao clube amado, ao campeão,
Ao nosso Lavras *ideal,*
Elevemos, de coração,
Um hip hurrah *colossal.*

2.º

Afeito às lutas, destro, preparado,
Tu te ergueste, ó Lavras, *com vigor!*
Em cada um de nós ó clube amado
Terás por certo um forte defensor.

Estr.

3.º

Nosso pendão ao vento tremulando
Anseia novos louros, novas glórias.
Em cada um de nós vai palpitando
O incontido desejo das vitórias.

(Hino de Ezelino Falsoni)

Se a bola vai ao goal
Volta da mesma maneira
Porque lá está o Geraldo
Que é goal-keeper *de primeira.*

Estr.:
Treina, treina,
Treina sem cessar
Para quando entrar em campo
A vitória conquistar.

Nossa parelha de backs
É valente e bem treinada
Tira bola de qualquer jeito
Sem temer uma furada.

Estr.:

Nossa linha de halves
É de mérito e valor

Estr.:

Nossa linha de frente
Entra de combinação
Cava tentos, cava vitórias
Para o Lavras *campeão.*

Estr.:

5 RESULTADOS HISTÓRICOS[26]

Data	Local		Adversário	Observações
1914/05/03	Lavras	2 x 0	Sport Club Hymalaia (Instituto Evangélico)	
1914/07/14	Lavras	3 x 1	Sport Club Hymalaia (Instituto Evangélico)	
1914/11/29	Lavras	3 x 0	Athletic Foot Ball Club (São João del-Rei)	
1915/04/21	Lavras	2 x 2	Sport Club Hymalaia (Instituto Evangélico)	
1915/10/12	Lavras	?	Agrícola Foot Ball Club (Escola Agrícola)	Vitória do Lavras
1915/05/25	São João del-Rei	0 x 1	Athletic Foot Ball Club (São João del-Rei)	
1919/06/22	Lavras	2 x 1	Club Desportivo Esparta (São João del-Rei)	
1919/09/14	São João del-Rei	1 x 4	Club Desportivo Esparta (São João del-Rei)	
1919/10/26	Lavras	1 x 0	Irmãos Foot Ball Club (Ribeirão Vermelho)	
1920/04/21	Lavras	4 x 2	Associação Athletica do Instituto Evangélico	
1920/05/13	Lavras	1 x 0	Associação Athletica do Instituto Evangélico	
1920/06/27	Perdões	5 x 0	Minas Gerais Sport Club (Perdões)	
1920/10/12	Nepomuceno	4 x 0	América Foot Ball Club (Nepomuceno)	
1920/11/02	Lavras	5 x 2	Minas Gerais Sport Club (Perdões)	
1925/10/31	Lavras	3 x 1	Formiguense Foot Ball Club (Formiga)	
1926/08/02	Lavras	4 x 0	Athletic (Ribeirão Vermelho)	Jogo treino
1926/08/07	Lavras	2 x 5	Associação Athletica do Instituto Evangélico	1.º quadro
1926/08/07	Lavras	3 x 0	Associação Athletica do Instituto Evangélico	2.º quadro
1926/08/08	Lavras	5 x 2	Brasil (Perdões)	Jogo treino
1926/09/19	Lavras	11x1	Brasil (Perdões)	
1926/09/20	Lavras	5 x 5	Associação Athletica do Instituto Evangélico	
1926/11/21	Três Corações	0 x 3	Três Corações Foot Ball Club	
1927/05/15	Lavras	2 x 1	Três Corações Foot Ball Club	
1927/06/20	São João del-Rei	7 x 0	Athletic Foot Ball Club (São João del-Rei)	
1927/07/18	Lavras	3 x 2	Club Desportivo Esparta (São João del-Rei)	
1927/07/18	Lavras	6 x 0	Ijacy	
1927/09/04	Lavras	3 x 2	Minas (São João del-Rei)	
1927/09/18	Lavras	3 x 0	Athletic Foot Ball Club (São João del-Rei)	
1927/09/18	Lavras	4 x 2	Irmãos Foot Ball Club (Ribeirão Vermelho)	
1927/10/13	Varginha	0 x 2	Ass. Varginhense de Esportes Athleticos	
1927/12/04	Lavras	1 x 2	São Bento Foot Ball Club (Itapecerica)	
1928/04/01	Lavras	6 x 2	Eloy Mendes Foot Ball Club	
1928/04/08	Lavras	4 x 1	Brasil Foot Ball Club (São João del-Rei)	
1928/04/29	Lavras	7 x 1	Eloy Mendes Foot Ball Club	
1928/04/30	Três Corações	2 x 4	Três Corações Foot Ball Club	
1928/05/13	Formiga	1 x 1	Formiguense Foot Ball Club (Formiga)	
1928/06/17	Lavras	3 x 3	Ass. Varginhense de Esportes Athleticos	
1928/07/15	Caxambu	2 x 1	Associação Athletica Nacional de Caxambu	
1928/07/29	Cambuquira	3 x 2	Associação Athletica Cambuquirense	
1928/08/05	Lavras	?	Athletic Foot Ball Club (São João del-Rei)	
1928/1929	Lavras	7 x 0	Eloy Mendes Foot Ball Club	
1928/1929	Lavras	6 x 1	América Foot Ball Club (Nepomuceno)	
1928/1929	Lavras	3 x 5	Athletic Foot Ball Club (São João del-Rei)	
1929	*pelo menos outros cinco jogos com vitórias do Lavras em 1929*			
1929/06/30	Lavras	3 x 6	Club Athlético Mineiro (Belo Horizonte)	
1932/05/15	Varginha	2 x 1	Ass. Varginhense de Esportes Athleticos	
1932/07/17	Lavras	8 x 3	Fluminense (Belo Horizonte)	
1930s	Itajubá	2 x 5	Itajubá	
1930s	Lavras	8 x 1	Ass. Varginhense de Esportes Athleticos	
1930s	Lavras	8 x 4	Formiguense Foot Ball Club (Formiga)	
1930s	Lavras	5 x 1	Athletic Foot Ball Club (São João del-Rei)	
1935/07/07	Lavras	4 x 2	América Foot Ball Club (Belo Horizonte)	
1936/07/12	Lavras	1 x 3	Olympico Futebol Clube (Itabapoana-RJ)	
1936/07/19	Lavras	2 x 2	Formiguense Foot Ball Club (Formiga)	

[26] Fontes: DUARTE, Jorge (1928); OLIVEIRA, Getúlio de (1972); VILELA, Márcio (2007).

6 LAVRAS SPORT CLUB: (SEU NASCIMENTO, VIDA E... MORTE. MEMÓRIAS)

(Depoimento Histórico de Getúlio de Oliveira, 1972)

– Olá, como vai você, Fulano? Diga-me uma coisa: pretendo fundar um clube de "*foot-ball*" e preciso de seu concurso; posso contar com você?

– Perfeitamente, Beltrano, com grande satisfação e entusiasmo; conte comigo.

O Fulano era o saudoso Jonas Soeiro e o Beltrano, este mesmo que esta está "aqui" escrevendo – ou tentando escrever – estas memórias... Esse encontro dialogado entre dois rapazes no calor onírico dos 17, 18 anos, foi nos idos de 1912, bem ali em frente ao velho e modesto Teatro Municipal, depois remoçado em galas e mais tarde destruído pela inépcia[27]... Nessa época distante não me ligava ainda no boníssimo Jonas o afeto diletíssimo que nos unira depois, no convívio de tantos anos, nas atividades esportivas e sociais e – como corolário natural da fase imatura da vida – também nos deslizes turbulentos e irresponsáveis da boemia... Mas, ele, que já conhecia, que já praticava o "*foot-ball*", se bem que primitivo, em exíguo "*ground*" ainda em formação do "Ginásio de Lavras" de então, era elemento substancial na esquematização técnica do empreendimento que nos acalentava a mocidade. Daí tê-lo procurado em "*primo-loco*" para, em seguida, por mãos à obra, convocando toda a turma, que era grande, que era boa e fraterna... Uma folha de papel pautado, um "cabeçalho" convocativo... e saí a colher assinaturas. E assim se ouviram os primeiros vagidos do "Lavras Sport Club", o pioneiro do "*foot-ball*" na cidade, eis que o do "Ginásio" era apenas praticado "intra-muros", em condições ainda precárias, sem outro objetivo senão o de complementar incialmente uma das metas do grande esquema de realizações humanitárias do inolvidável "lavrense" que trouxe de outras terras o coração magnânimo para dedicá-lo ao bem de tantas gerações e oferecê-lo, ao fim, à consumação da terra de nossa terra...[28]

Aquele simulacro de "*foot-ball*" era praticado numa pequena terraplanagem junto à área onde depois de levantou o edifício principal do "Ginásio" – o primeiro de dois andares construído em Lavras – e pouco mais tarde passou a sê-lo na esplanada do atual estádio, ainda de pequenas dimensões, eis que apenas iniciada. Ali eu vi – porque sempre presente onde

[27] O Teatro Municipal de Lavras, que ficava na Rua Sant'Ana, foi demolido em 1962.
[28] Trata-se do Rev. Samuel Rhea Gammon (1865-1930), missionário presbiteriano nascido nos Estados Unidos que fundou importante educandário lavrense que leva seu nome.

houvesse uma bola rolando... – uma terrível "tourada", da qual sairiam "perfeitamente" massacrados o Dr. Shaw[29], o Dr. Knight[30] e outros abnegados *cracks*, em inomináveis "sarrafadas" e "*sandwichs*" aplicados intencional e irreverentemente pelo Aurino, pelo Gastão Mury, pelo Zé Gonçalves (este, um gigante) e outros alunos do "Ginásio" àquele tempo distante. Bem, as regras do então chamado "violento esporte bretão", ainda fresquinhas chegadas de sua origem, não condenavam esses barbaridades como "*foul*"[31]... e era preciso *demonstrar a pujança* da "fibra nacional"...

Aliás, registremos aqui: a figura profundamente humana e o dinamismo dedicado do grande Dr. Knight se projetam substancialmente nas realizações e eventos do notável educandário, máximo no panorama esportivo, que era objeto de seu maior carinho e entusiasmo. É que estava no sangue do "*sportman*": lembra-me a retentiva que o menino que era eu, em 1905, quando frequentei por alguns meses o "Curso Preparatório", viu – tomando de incontido entusiasmo – a primeira "bola de capotão" aparecida em Lavras, trazida juntamente com uma luva de "*base-ball*" pelo Dr. Knight, que acabava de chegar de sua portentosa terra natal. Era de vê-lo, do alpendre do velho casarão que fora a tradicional "Chácara do Dr. Jorge", dar tremendas "luvadas" na pioneiríssima bola de couro, atirando-a – para admiração da garotada provinciana – até lá no meio da "Avenida das Casuarinas"... Para nós uma festa inédita e que nos sugeria a possibilidade de substituir a pesada "toranja" que surrupiávamos lá mesmo no pomar do "Ginásio", para nossas terríveis "peladas" naquele largo passeio fronteiro ao saudoso solar dos Scorzza – nas quais as "*shooteiras*" era mesmo o "pé-no-chão", abnegado e heroico... Oh! – saudoso plantel das "peladas" de toranja...[32]

Mas, afinal, perdi-me por aí ao sabor deste tumulto de recordações que me cumula a retentiva, feliz ou infelizmente – eis que a memória não seleciona e em meio às "doces" vêm as "amargas"... E na vida é tão pouco o mel e é tanto o fel...

Continuemos, pois a tentativa, talvez pretenciosa, de contar uma história antiga e real, apenas calçada na "gravação" precária e falha da memória humana – máxima deste meu pobre "crânio" arrasado pelo impacto de tantas e tão cruciais angústias... Mas a crônica da querida entidade, que viveu na abnegação, no carinho e entusiasmo de tantas gerações, só pode ser

[29] O autor grafou erroneamente como "Show" o nome do professor americano Augusto F. Shaw (1859-1931).
[30] Charles Clyde Knight. Ambos faziam parte dos primeiros corpos docentes dos educandários do Instituto Presbiteriano Gammon [ROSSI, 2010].
[31] Ing.: Falta.
[32] Nessa época registra-se também que o professor Firmino COSTA [1907] recomendava a introdução do futebol e do tênis como "prática higiênica" a ser desenvolvida pelos meninos maiores nas escolas durante os recreios.

assim palidamente "espremida" da cachola nevada de um dos remanescentes da "velha-guarda", por isso mesmo os arquivos do "Lavras" há muito desapareceram, mercê da desídia, da inépcia, da indiferença de dirigentes adventícios, sem nenhuma radicação sentimental na tradição de nossa terra.

Como relatava, a convocação que fizera aos amigos – que era toda a saudosa turma coeva que movimentava a vida social de nossa pequena e amável comunidade – teve a mais confortante e entusiasta acolhida. Era, pois, continuar a faina para consolidar o evento. O problema primordial, como óbvio: um campo ou "*ground*" (assim em inglês tinha mais sabor...) para o início dos treinos. O único local adequado, sem mais delongas, era a "esplanada das oficinas", onde já se encontrava, enferrujando, a grande maquinaria importada, em imensos caixões e engradados – como uma manada de paquidermes retangulares "puxando o ronco"... O Moacir era meu amigo e seu pai – o respeitável varão Dr. Virgílio Bastos – era o "Engenheiro Residente" da velha "Oeste de Minas". Procurei o pai por intermédio do filho – ou o tronco por via do galho... – e só encontrei compreensão e boa vontade, tanto que o próprio Moacir (onde estará?...), que então cursava engenharia, ofereceu-se espontaneamente para ajudar-me na demarcação do campo.

E na manhã seguinte lá estávamos na vasta esplanada, plena de sol, ele no pantômetro e eu na baliza, instrumentos técnicos que o Moacir arranjara também com a boa vontade do Dr. Virgílio. Mas não éramos apenas dois, porquanto acompanhava o pretinho conhecido por "Engenhoca" (tipo popular de então), compenetrado e atento, com uma grande lata de cal e um regador sem crivo... Eu o havia convocado e ele – meu "*fan*" incondicional – quando chegamos, já estava a postos para o cumprimento de sua "importante missão"... Pobre preto que eu vi na vida durante tantos na sua dedicação estranhamente gerada na confusão de sua debilidade mental – e que se estendia em caloroso entusiasmo ao "Lavras" – que ele "ajudou a nascer", riscando o primeiro risco do primeiro campo... Desde a década de trinta nunca mais o vi – creio que foi morrer no ambiente dantesco de algum desses matadouros de párias, que trazem na fachada o nome sofisticado de "Manicômio" ao invés da advertência angustiada do grande vate: – "*Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate*"[33]...

Bem, o campo provisório estava arranjado, nas dimensões médias prescrita: pelas regras do "*sport* bretão" – essa a chapa surrada nas crônicas e discursos, enquanto a Inglaterra

[33] "Deixai, ó vós que entrais, toda a esperança!". A Divina Comédia (Inferno, Canto III) por Dante Alighieri, tradução de José Pedro Xavier Pinheiro.

deu cartas nesse famoso esporte que viria a empolgar as massas deste mundinho, que afinal é também redondo – é também uma bola em movimento na infinita "cancha" sideral... Eu já havia escrito a uma casa do Rio de Janeiro, especializada no ramo, pedindo uma bola n.º 5, uma bomba e um apito... E a "Casa Sales" – onde reinava no comércio local de calçados o velho amigo Oscar – pedira "*shooteiras*" e meias, cujo conjunto, apesar do preço "proibitivo" de dez ou vinte mil réis (um ou dois centavos de hoje...)[34], foi logo adquirido pela turma dos que mais se julgavam promissores "*cracks*"... Outros, menos pretensiosos, treinariam mesmo de botina, de calça mesmo, para não exibirem a "pujança" muscular das "gâmbias"... E toca a treinar, que isso era a obsessão reinante nos "cavacos" – (hoje o "bate-papo") da vigília diurna, como nos fagueiros sonhos da noite sadia daquela mocidade empolgada pelo sadio itinerário do "*mens sana in corpore sano*"... (Oh, velha e surrada sentença da helena gente!...)[35].

O mais, apesar de substancial, ficaria para depois – eleição da diretoria, elaboração dos estatutos, sede para reuniões, etc. E de então em diante, em várias ruas da cidade adormecida ainda no silêncio da madrugada, ouvia-se um insistente trilar de apito – que não podia ser, positivamente, de uma inexistente guarda-noturna... Não, não era mesmo. Era, isto sim, os "acordadores", quase sempre os mesmos entre os mais "birutas" pelo contato com a bola de couro, na sua missão de reunir a turma para a longa descida pelo "Morro da Estação"... Onde não havia talvez meia dúzia de casas além do modesto teto do velho e bondoso Siô Agostinho Falsoni, cujo ambiente franco e acolher, de quando em quando em companhia do excelente Ezelino, comíamos o mais saboroso e autêntico "pão italiano" e ouvíamos os imortais trechos líricos nas vozes insuperadas dos grandes cantores da velha e sonora Itália, através do ruidoso gramofone, um dos raros espécimes então ecoantes no silêncio de nossa Lavras provinciana... Mas, descíamos o "Morro da Estação" e aos primeiros albores da manhã, pincelados no debrum colorido das nuvens, a turma invicta estava a postos, haurindo sofregamente o oxigênio farto e puro da "Esplanada das Oficinas". Em verdade, entretanto, muita vez delongava-se algo o início dos exercícios, pois havia antes um delicioso "aperitivo" de jabuticabas, ou mangas, ou laranjas, etc. – conforme a época – eis que existiam dessas "tentações" pelos caminhos adormecidos na sombra da madrugada, por de trás e muros e tapumes-cercaduras "perfeitamente" vulneráveis ou transponíveis... E assim se "honrava a

[34] Vinte mil réis em 1913 equivalia a 17,93 gramas de ouro 22K.
[35] A frase latina "Mente sã em corpo são" foi escrita pelo poeta romano Juvenal (c. 55-c. 127) nas *Sátiras*. Também chegou a ser atribuída ao filósofo grego Tales de Mileto (c. 628- c. 546 a.C.).

tradição", por isso que nos velhos e saudosos frutos tropicais não tinham valor venal e os pomares eram cuidados para regalo dos amigos diurnos e... "descuidados" para a "visita" dos "inimigos" noturnos...

E assim, numa continuidade diária, depois alternada, depois de duas, três vezes por semana, em treinos até oito horas da manhã – quando rumavam para seus afazeres, uns, e outros voltavam para o aconchego convidativo dos cobertores... Permanecemos por algum tempo, eu responsável pelos escassos petrechos indispensáveis e ajudando o velho Jonas na condução das "touradas" iniciadoras. Mas, já era hora de se eleger uma direção provisória – à guisa de constituinte – para responder pelas atividades ou medidas consubstanciadoras do evento e esquematização de seus pretendidos objetivos, através da elaboração dos estatutos e consequente concretização da personalidade jurídica do "*club*". E isso foi feito de maneira "*sui generis*": em certo dia de domingo, quando se aglomerava sempre grande número de sócios na aprazível "Esplanada das Oficinas", resolveu-se levar a efeito a eleição ali mesmo num dos galpões e engradados de máquinas da velha e prestimosa "Oeste de Minas"... Um chapéu foi "urna" e as "cédulas", papeizinhos enrolados à moda de "cumbuca"... Infelizmente não tenho na cachola a identidade dos companheiros "premiados" no original escrutínio, nem mesmo a função que me tocou na integração daquela eufórica plêiade de abnegados...

A verdade é que continuamos a mesma rotina nos treinamentos, visando promover a primeira exibição pública que algo focalizasse as emoções do "*foot-ball association*" e a existência – embora precária nos seus passos iniciais – do "Lavras Sport Club", que já tinha esse pretensioso nome, mas não tinha mais nada... Planejamos então um "*match-training*"[36] desbravador, com convites ao povo, aqueles especiais, etc., e lá tivemos na esplanada um bom número de "curiosos", debruando, junto à linha de cal, o grande retângulo onde se realizou, então, a primeira exibição de "*foot-ball*" na cidade, isto é, fora dos muros do "Ginásio". E foi uma memorável "tourada" entre dois "*teams*" mesclados de "bons" e "pixotes" (hoje "revelações" e "muletas"..., "chiquemente" uniformizados em calções até os joelhos, chapéu de pano no "coco" e gravatinha no colarinho da camisa branca e de mangas compridas... Há fotografias desses "*valliants*"[37] desbravadores – sim, os "*teams*" posaram para a posteridade, devidamente eufóricos ante as objetivas dos fotógrafos... perdão, *do fotógrafo*, que então, em Lavras, era apenas um e esse *um* era o Juca Venerando, que logo depois, ingressando em

[36] Ing.: Jogo-treino.
[37] Ing.: Valentes.

nossas fileiras, tanta projeção viria a ter com sua dedicação e dinamismo, nas nossas campanhas pela sonhada grandeza do "Lavras"!

Nessa altura dos acontecimentos já o "Lavras" tinha uma diretoria devidamente eleita em assembléia geral, malgrado a ausência ainda dos estatutos cuja elaboração se protelava face à precariedade da estrutura inicial da agremiação, sem qualquer acervo patrimonial. Não me ocorre à memória a cronologia dos fatos tão distantes, nem a identificação de todos os companheiros de liderança daquelas jornadas iniciadoras, por isso que reservo para, em adendo a este pálido e saudoso retrospecto, os nomes daqueles que mais projetaram nos entreveros pela concretização do sadio desiderato que nos empolgava os dias claros da mocidade. Continuamos, entretanto, a rotina dos treinos, já, então, em progressivo e espontâneo expurgo de malogrados aspirantes a "*cracks*"... Foi quando certo dia – um domingo com certeza, quando a "Esplanada das Oficinas" vivia sempre intensamente da alvorada ao meio-dia – foi notada a presença de um assistente desconhecido... Alto, elegante, linho branco, chapéu de palha, "*pince-nez*"[38]. Figura simpática, insinuante, logo procurou contato e conversa: que jogava "*foot-ball*", que pretendia ingressar em nossas fileiras, etc., etc... E o "Lavras" ganhou neste dia um extraordinário elemento de proa; nós, um amigo incomparável; e o ambiente social de nossa terra, uma figura inconfundível de "*gentleman*". Era o pernambucano Sólon de Barros que acabava de aportar em nossos pagos para cursar a "*Escola Agrícola*" – a "menina dos olhos" do grande Benjamin Hunnicutt[39]. O nordestino alegre, extrovertido, leal e sincero – como depois o vimos em longa e dileta convivência – matriculou-se em externato, montando seu "*château*" naquele quarto isolado com acesso pela rua D.ª Inácia, no velho e tradicional Hotel Moreira. E ali na "perfeita" desordem daquele "ninho de rato" muitas "conspirações" se tramaram pela sequência de êxitos de nosso "Lavras Sport Club".

Já nessa altura encontravam-se engajados em nossa linha de frente outros valorosos batalhadores: Juca Venerando, com seu "estourado" dinamismo; Ezelino Falsoni, com bom "*foot-ball*" nos pés e excelente voz na garganta; Jorge Duarte[40], pigmeu no "*sport*", mas gigante no verbo... Entretanto, a inauguração oficial do "*club*" não se havia ainda concretizado. Urgia, pois, promovê-la, eis que esse evento constituiria mais um passo na

[38] Pince-nez ou Pincenê é um modelo de óculos usado do Século XV até o início do Século XX, cuja estrutura era desprovida de hastes. Sua fixação era feita apenas com os aros, que se prendiam como pinça na ossatura do nariz.
[39] Benjamin Harris Hunnicutt (1886-1962), agrônomo americano e primeiro diretor da Escola Agrícola de Lavras.
[40] Jorge Duarte (1899-1944), jornalista lavrense, autor da expressão "Lavras, Cidade dos Ipês e das Escolas".

projeção da associação, rumo ao desbravamento da barreira da omissão e do desinteresse, abrindo perspectivas de êxito para realizações futuras, almejadas e projetadas. Que se organizasse uma festa "sportiva", sessão solene, etc., etc. Mas, nossas pretensões avultaram algo mais: que se convidasse o "Athletic F. B. Club", de São João del-Rei, para uma competição, assim marcando mais um pioneirismo – o primeiro "*match* de *foot-ball*" intermunicipal em Lavras!... E metemos mãos à obra, planejando em sessões contínuas o cometimento, já assegurada a presença do "Athletic", que aceitara o convite para o dia 3 de agosto de 1913[41].

E a véspera do memorável dia chegou – cheia de atividade e expectativa: convites ao povo com oferecimentos de "*bonds*" especiais gratuitos ("cavados" a duras penas com a "Câmara Municipal", a Prefeitura de hoje...); "bancada" para as "melindrosas" e que era apenas uma fila de tábuas sobre estacas ao longo de aproximadamente trinta metros; palanque para convidados especiais e banda de música, todo farfalhante de "bambus-da-Índia" e de bandeirolas multicores – as indefectíveis bandeirolas das festas da roça, ingênuas e simples como a própria alma da gente provinciana... Naquela véspera, cheia de bulício e emoção, numa tarde festiva, a heroica "bitolinha" apitou ali na "curva do triângulo" demorada e alegremente, como que participando do evento inédito e pioneiro cá pelos plácidos rincões do "sertão"... (Em São João del-Rei a composição da velha Oeste de Minas, que vinha cá para nossos lados, serpenteando sacolejantemente à beira do Rio das Mortes e Rio Grande durante oito horas bem contadas, era chamada "trem do sertão"...). E o "Athletic" chegou debaixo de entusiástica acolhida, com banda de música, foguetório, etc., ficado parta da comitiva no velho Hotel Moreira e vários de seus componentes alojados em residências particulares.

Na tarde do dia seguinte – 3 de agosto de 1913 – a "Esplanada das Oficinas" se engalanou e vibrou ruidosamente na vibração de numerosa assistência, em que o elemento feminino pontificava – aquela turma inesquecível que haveria de acompanhar em longo tempo, com sua dedicação e seu estímulo, os passos do "Lavras querido", nas horas eufóricas dos êxitos e vitórias, como nas horas enervantes dos fracassos... E teve lugar, então o primeiro "*match*" de "*foot-ball*" intermunicipal em Lavras, acontecimento que, ao lado de assinalar um pioneirismo nos anais esportivos da cidade, marcou também a primeira vitória para nossas

[41] O autor cita duas vezes o dia 3 de agosto de 1913 como data do primeiro jogo do Lavras, embora esta data de fato seja apenas da fundação do clube esportivo. Consultando os velhos jornais lavrenses, descobre-se que, em verdade, este marcante evento se deu mais de um ano depois, em 29 de novembro de 1914. Podemos justificadamente escusar o autor pelo lapso, afinal, seu relato trás memórias de sua mocidade, sessenta anos antes.

cores, pois vencemos a competição sem maiores dificuldades – por 3x0 –, demonstrando franca superioridade do nosso incipiente, mas, já apreciável conjunto. É bom ver que esse "*score*" talvez fosse modificado se o jogo chegasse exatamente ao fim, o que não aconteceu, eis que, faltando aproximadamente dez minutos para o término do segundo "*half-time*"[42], desabou uma tremenda borrasca. E foi uma debandada geral. Sim, *geral*... pois até nós outros – os "*valliants*" disputantes – também "piramos" na cambulhada, rumo aos galpões e à estação da "Oeste"... E acabou a festa e acabaram as bandeirolas multicores...[43]

Durante o desenrolas da competição registrou-se um lamentável episódio que, não resultando as sérias consequências que poderia acarretar, ficou na sequência das emoções daquele dia memorável apenas no seu lado pitoresco: é que o Juquinha Sales (o saudoso lavrense José de Sales Botelho) teve a infeliz idéia de guindar até o palanque já lotado, os seus cento e tantos quilos bem pesados... a pobre "obra", feita de afogadilho, sem qualquer noção técnica da "resistência do material" e sem a previsão do impacto de tanta "matéria", gemeu, tremeu e "afundou"... exatamente na ala em que se encontrava a indefectível "Furiosa" soprando uma valsinha dolente... Resultado: escoriações e contusões sem importância e alguns instrumentos algo amassados e, consequentemente, emudecidos para a continuidade do "abrilhantamento" das festividades... Mas, o "suspense" apreensivo passou e ficou no ar, vibrando alegremente, o vozerio dos comentários jocosos e hilariantes.

Outro inesperado episódio – esse que também foi visto por todos, mas cujo profundo impacto emocional só duas pessoas sentiram – em um ataque perigoso dos avantes adversários, eu – o "*back* direito" naquele tempo – com um "balão sensacional", rechacei a bola, a qual foi aninhar-se bem no meio da assistência e... estranha e caprichosa coincidência, atingir em cheio, entre tantas, uma cabeça feminina... Sim... eu vi... era ELA – aquela que já morava algo no coração de adolescente, através de um "*flert*" ainda contido no paralelo dos preconceitos sociais, mas vivido furtivamente no recesso onírico platônico de nossas almas... Aquela bola, apesar de não ser de cristal... teria riscado no ar festivo daquela tarde distante – embora de modo pouco gentil – a previsão simbólica de um traço de união perenal entre duas vidas. Não se continuei a jogar melhor ou pior... ELA foi acometida de dor de cabeça – a primeira, antecipada, de tantas outras "dores-de-cabeça" que, a meu lado neste mundinho de

[42] Ing.: Meio tempo. No caso, os 45 minutos que compõem a metade de cada tempo de uma partida de futebol.

[43] Ainda sobre os eventos marcantes da primeira partida contra o Athletic, o jornal lavrense "O Município", edição de 6 dez. 1914, relata-se uma situação que hoje soaria estranha: o juiz da partida foi o sr. Paulo de Castro, ninguém menos que o presidente do clube são joanense! A crônica de "O Município" fez questão de ressaltar que o árbitro procedeu com toda imparcialidade durante a partida.

provações, haveria de enfrentar com a fortaleza de seu espírito, com a grandeza de seu coração e a magnitude de sua fé...

À noite, em meio a grande regozijo, banquete, sessão solene no salão nobre da "Câmara Municipal", baile nos salões do Cel. Augusto Sales. Na sessão solene realizada na Câmara Municipal com grande número de senhoritas, foi franqueada a estas a assinatura da ata, constituindo esse ato a outorga do título de sócias honorárias do "querido Lavras". E toda a inolvidável "turma" – tantas hoje vovós, tantas já no silêncio insondável do Além – assinou, sob aclamações, aquele valioso documento para os anais esportivos de nossa terra e para a ternura das saudosas evocações de tantos corações... Mas tudo isso desapareceu na voragem iconoclasta das gerações novas e mercê da displicência de adventícios que se sucederam, através de tão longo tempo, no leme do velho e glorioso barco...

Na manhã seguinte o "bota-fora" que se estendeu até Ribeirão Vermelho, e que, em grande número, incluindo a presença vibrante e emocional de muitas senhoritas, acompanhamos até àquela localidade a brilhante comitiva, que, se não obteve êxito com as "*shooteiras*" – conquistou-o de sobejo com o espírito e o coração – na fidalguia de trato, na camaradagem franca e espontânea. Desse nosso ruidoso "pulo" até Ribeirão Vermelho guardo ainda num cantinho claudicante sensório um resquício do "*frisson*" angustiante por que passamos ali – quando tivemos que ajudar as moças a galgar as plataformas dos carros já em movimento – atrasados que chegamos todos em razão da demora das despedidas no outro lado da estação. Milagrosamente não se concretizaram as consequências gravíssimas que poderiam advir da atabalhoada correria.

O "Athletic" não demorou em nos retribuir tanta homenagem. Lá fomos recebidos com igual júbilo e honrarias – banquetes, espetáculo de gala no Teatro Municipal, baile nos salões do magnífico Hotel Oeste, onde ficamos hospedados, etc. O "*match*" foi no campo de Matosinhos, barrento e alagado, pois chovera copiosamente durante a noite naquela saudosa era, paradoxalmente, grama não era "mato", era "manga de coleto", como lá diz a verve da gíria de hoje... Perdemos de 1x0. Mas, não foi a lama, não. É que no "*goal*"[44] do Athletic havia uma barreira instransponível – o Quim Ferreira (então acadêmico de Medicina), "*keeper*" do "*scratch*" brasileiro, o maior daquele tempo e um dos maiores de todos os tempos – e na "meia direita" um jogador do Fluminense do Rio, ostentando a sua medalha de campeão daquele ano... O nosso constante bombardeio morria nos preços do extraordinário

[44] Ing.: Meta, donde veio a palavra gol.

"*keeper*" e o único "*goal*" da partida foi marcado pelo aludido campeão carioca, quando, ao tentar uma rebatida, escorreguei e caí na lama; o rapaz, excelente "*forward*"[45], da área do "*goal*" fulminou inapelavelmente o nosso não menos excelente Morgado... E foi assim que o "Athletic", dentre tanta honraria, nos "brindava" também com essa inesperada, e, porque não dizer, envaidecedora surpresa – enfrentar dois "enxertos" militantes no mais alto "*foot-ball*" nacional e internacional da época...

Mas, a verdade é que acima de tudo isso, sobrepairando pretensões consoladoras, pontificou o travo incontido da derrota... e houve lágrimas no silêncio daquela noite distante... *Remember* – meu diletíssimo amigo naquela saudosa fase de nossa vida – Ezelino Falsoni – meu companheiro de quarto no hotel na noite magoada e indormida, ouvindo o marulhar do "Lenheiro" sob a vetusta "Ponte da Cadeia"...

Já assim, então, com a existência do "Lavras" concretizada, malgrado de forma precária, face à inexistência de campo próprio e sede, continuamos nossas atividades sociais e esportivas, em constantes treinos na "Esplanada das Oficinas", reuniões da diretoria ora numa ora noutra casa de sócios e assembléias no Teatro Municipal. E chegou, então, a fase acidentada de nosso intercâmbio esportivo com o valoroso "Himalaia" com seus elementos exponenciais de verdadeiros "*cracks*" Aristides, Ofir, Maciel e tantos outros cujos nomes a esponja do tempo apagou. Empenhamo-nos em vários encontros sempre pontilhados de incidentes e dos quais as cores do "Lavras" sempre se altearam vitoriosas, até que, certa feita, ocorrências mais graves decretaram a suspensão das relações entre os dois clubes radicalmente rivalizados: o Ofir e o Ezelino engalfinharam-se em pleno campo, num entrevero mais viril; o Ofir mordeu violentamente o ombro do Ezelino; este "encheu" a cara do outro; a assistência mais afoita invadiu o campo e o "sururu" se formou; o Chico Nóbrega fez presente seus pagos nordestinos com uns "rabos de arraia", etc. E o jogo acabou... O pior, entretanto, é que a torcida, naquela altura da existência do "Lavras", já numerosa e já muito radicada na massa menos esclarecida e, como sói acontecer, incontidamente apaixonada, não se conformou com um ponto final no lamentável incidente. E vai daí, insuflada certamente por elementos intolerantes e subversivos (sim, já existia este bicho, hoje tão em voga...) preparara uma agressão aos rapazes do Ginásio, o que se faria quando passassem pelo jardim, rumo ao "culto" daquele domingo, dia seguinte ao malfadado "sururu". O nosso provinciano e saudoso jardim – bosque, palco de tantas emoções caras ao espírito e ao coração de tantas

[45] Ing.: Atacante.

gerações, realmente naquela noite de apreensões regurgitava, como acontecia naqueles idos amáveis, no "*trottoir*"[46] esfuziante e fraterno da comunidade de então. Mas... havia estranhas sombras nas sombras das casuarinas e muxoxos, tocaiadas nos troncos centenários... Urgia ação imediata, antes que surgissem os ginasianos, mas não encontrávamos clima para o afastamento do perigo iminente. Foi quando duas senhoritas, com as quais eu comentava os acontecimentos, me perguntaram, aflitas, se poderiam avisar o Dr. Gammon, evitamos, talvez, graves e tristes acontecimentos de consequências imprevisíveis e que manchariam melancolicamente as páginas ainda nascentes dos anais esportivos de nossa terra.

Os inolvidáveis Dr. Gammon e Dr. Knight acorreram sem demora, reunindo e conduzindo os estudantes pela rua Dona Inácia. Mesmo assim, ainda pequenas escaramuças se verificaram na esquina do antigo Hotel Moreira, dada a exaltação imperante de lado a lado. Mas, tudo se resolveu sem maiores consequências, mercê daquelas presenças respeitáveis e a interferência, até então omissa, de próceres e autoridades competentes.

Pouco mais tarde fomos convidados pelo Dr. Gammon para uma entrevista em sua residência, aonde comparecemos em comissão para ouvir a palavra serena, conciliatória e sábia do grande mestre. Nesse "*tête-à-tête*" informal ficou decidido que se realizaria uma "mesa redonda" no salão da Câmara Municipal, sob a presidência do Dr. Knight, quando honesta, leal e conciliatoriamente se "lavaria devidamente a roupa suja"... E assim – com compreensão e altruísmo – estabeleceu-se uma "*entente cordiale*"... e assim o "Himalaia" e o "Lavras" deram-se de novo mãos de adversários valorosos e ferrenhos[47].

Nos debates então travados, ao lado da crueza dos fatos ventilados, houve também filigranas literárias: o Jorge Duarte classificou de "miragem" um pronunciamento do Maciel (Antônio); este ponderou que seu pensamento envolvia a audição e não a visão, por isso mesmo que pesava pela impropriedade a abjuratória do interventor; e o Jorge, presto na sua fluência costumeira de "crânio" privilegiado, retrucou: "Foi uma miragem através do ouvido"... o Maciel passou, rápido, a outro assunto mais concreto e menos ilusório...

Prosseguimos, entretanto, em nossa rotina de treinos, muitas vezes em "*match trainings*" com o "Agrícola F. C." (da Escola Agrícola), estes literalmente amistosos, pois o

[46] Fra.: Passeio.

[47] É possível especular que a rivalidade futebolística existente entre os jovens do *Lavras* e do *Himalaia* fizesse parte de um contexto maior, envolvendo uma antiga rixa envolvendo católicos e protestantes. Em julho de 1914, quando ocorreu a segunda partida entre as equipes, D. Ferrão, bispo de Campanha, também estava a visitar a cidade, houve uma séria crise entre jovens briguentos que só não tomou dimensões maiores devido à posição conciliadora do Dr. Gammon [cf.: NÉMETH-TORRES, 2010: 59-60, 77; GAMMON, 2002: 116-118].

"Agrícola", por incrível que pareça, era nosso aliado contra o "Himalaia" com o qual cortara relações esportivas em virtude, também, de ocorrência de seguidos incidentes. Por isso mesmo se oferecia para nos servir de "*sparing*"[48], com aquele adestrado conjunto em que tínhamos em cada competidor um excelente amigo. E ao lado das atividades esportivas, nossas promoções sociais, principalmente quando dos registros de aniversários, posses de novas diretorias, etc., quando se realizavam sessões solenes, bailes, "*pic-nics*" que marcaram época... Como aquelas "heróicas" competições atléticas, com saltos de altura, corridas, saltos de distância e saltos de vara, sem caixa de areia nem nada no chão duro da "Esplanada das Oficinas" e em que o "sarrafo" era um bambu amarrado em dois bambus e a vara era... também um bambu... bem grosso para não quebrar ao peso do "campeão"...; como aqueles "*pic-nics*" no "Sanatório" em construção, à sombra amena e farta da tradicional "Mata dos Martins", quando "estreamos" com dança, ruído e efusões de alegria, aquelas salas inacabadas que – ao invés – destinavam-se ao silêncio... a angústias e lágrimas; de que foi, dentre tantas, aquela parada social, que estendeu até às vibrações do baile, mostra a fotografia então batida e que para mim, é mais que uma simples gravação visual de um evento da mocidade, que registra um marco indelével nas emoções vividas na penumbra sentimental de meu espírito e coração...

Era da ética esportiva – naqueles tempos gentis – convidar os clubes amigos a se fazerem representar nas festividades de aniversário; assim, contávamos sempre com a presença de "embaixadores", como também nos fazíamos representar nessas oportunidades. De uma feita, aqui tivemos os amigos Otací (Negrão de Lima) e Soné (Manoel Hermeto Júnior), estudantes naquela época, representando o "América" de Belo Horizonte; o primeiro, então "*center-half*" do "*scratch*" mineiro, teve oportunidade para uma ótima exibição num "*match-training*" programado para os regozijos da data. De outro lado, eu e o Jorge Duarte tivemos andanças por aí como mensageiros da amizade do "Lavras" a seus co-irmãos... e só não cantamos o "parabéns para você" porque naqueles idos distantes não se fazia ouvir ainda o eco alegre e ruidoso dessa ruidosa e alegre saudação...

E a rotina prosseguia, mesmo porque lá dizia o hino do "Lavras" de autoria do excelente Ezelino[49]: "Treina, treina / treina sem cessar / para quando entrar em campo / a vitória conquistar". Aliás, tínhamos dois hinos – o outro foi o Hernani Negrão que forjou na

[48] Ing.: Parceiro de treino, geralmente de boxe.
[49] Ezelino Falsoni também compôs em 1920 o hino do "Moreno Sport Club", outro clube de futebol lavrense fundado por José Luiz de Mesquita e voltado à comunidade negra e mulata da cidade.

sua tenda de estudante-poeta; não tenho mais no bestunto a "gravação" respectiva, todavia, como que ouço ainda do fundo penumbroso do passado – agora em emocional surdina – o eco daqueles "cânticos de guerra" que tanta vez vibraram na paisagem tranquila de nossa tranquila Lavras de então.

Mas, lá mais ou menos por essas alturas dos acontecimentos, o pobre mamífero, vertebrado, eleitor e pretenso senhor de suas faculdades mentais – e que tenta "espremer" da precária cachola esta pálida retrospecção estórica (vá lá o neologismo...) foi eleito presidente do "Lavras", ele que antes fora como que titular vitalício do cargo de "Diretor Esportivo", cujas funções eram exatamente as mais árduas da direção, eis que encerravam todo um complexo de atribuições: preparador, treinador, zelador, técnico, etc... Foi então, que se desencadeou aquela luta homérica pela consecução do campo próprio – o sonho havia tanto amadurecido, mas, até então... apenas sonho... Convocamos, para esse "*desideratum*", o máximo esforço, da dedicação da comunidade "lavrense". Aquela altura amplamente radicada na sociedade de nossa terra. E ao lado de companheiros de "cúpula" – como diz hoje o vocabulário politiqueiro... enfrentamos o problema, que, face à indigência financeira da agremiação, apresentava, sem dúvida, aspectos enervantes de aspiração visionária e intangível... Entretanto, "descobrimos" o local possivelmente viável, embora não muito adequado pela formação topográfica, mas, convicentemente tentador pela situação bem no centro da cidade. E "encarnamos" devidamente na pessoa de seu proprietário – o bom e compreensivo amigo que foi o Sr. Gastão Maia – o qual, num gesto de altruísmo, aquiesceu em nos "ceder" o terreno da Rua do Fogo, que não era apenas um simples pedaço de terra, pois que era o "pastinho urbano" do burrico que puxava a carrocinha de sua máquina de beneficiar arroz e moinho de fubá... A verdade é que, à base do "documento" – palavra "empenhada", autenticamente válido em outros tempos e hoje desmoralizado pela instituição nacional do "quiabo"... ficaram, em nossos entendimentos, concretizadas – *in limine* – as figuras dos "prometentes vendedor e comprador". O preço? 4:500$000 – quatro contos e quinhentos mil réis!!! Ou seja – quatro e meio cruzeirinhos inflacionários desta era "bossa-nova" (cuidado com o t...) e que não compram nem um metro daquele "ex-pastinho urbano"... daquele "ex-burrico" manso e resignado... Mas, onde estava o dinheiro, onde encontrar tanto "*cum-quibus*"[50], pois a dita importância, para a época, não era "canja" não? Não desanimamos, entretanto, e no calor do êxito inicial, lançamo-nos à faina de "campear" o "vil

[50] Lat.: "Com que"; no caso, dinheiro, pecúnia.

metal", o que era "dureza" naquele desolador império de mentalidades ainda fossilizadas para a compreensão das magnas finalidades do esporte: "isso é vagabundagem, isso é brincadeira de marmanjo"... lá se ouvia a cada passo através de barbas "conservadoras" e, realmente, rebarbativas... A verdade é que – marmanjos vagabundos – insistíamos na aventura e afinal tivemos um "golpe de sorte", fazendo uma nova "descoberta": soubemos que existia um saldo bancário, remanescente "congelado" de movimento financeiro do "Tiro de Guerra", cujas atividades peculiares haviam cessado de longo tempo. Entramos em imediato contato com seu presidente – César Augusto Guadalupe – para nós outros, seus amigos moços, o Siô Guadalupe – aquele que se fizera, com sua família de escol, figura imprescindível na "*haute gomme*"[51] de nossa tranquila comunidade do passado. E em entendimentos compreensivos e altruístas, em que prevaleceu o argumento convincente de que a desejada "pecúnia" – sem dúvida do patrimônio público nacional – seria investida também em benefício público de nossa terra, conseguimos o tão sonhado desiderato... Que se passasse a escritura de transmissão com a concomitante lavratura de contrato hipotecário, conforme ficou acertado na decorrência de longos entendimentos, e que se deixasse... "correr o marfim"... E o "marfim" está correndo até hoje – e que corra "*in saecula saeculorum*"[52], mercê de Deus, amém... A escritura está aí nos arquivos do cartório, emocionalmente assinada, com galas na alma e no coração, pelo presidente do "Lavras Sport Club" – aquele moço sonhador que este velho que não sonha mais conheceu algures e alhures... sonhando sonhos de arejados planaltos, fenecidos nas baixadas insalubres da luta pela vida...

O "querido Lavras" – (era assim mencionado pela ternura da grande "torcida" feminina, que era toda aquela incontável e tão saudosa turma que dinamizava a sociedade lavrense) – estava, pois, de posso de seu pedaço de chão que consubstanciava a concretização parcial de uma vitória há tanto almejada, malgrado a precária adequação do terreno, face as suas dimensões e acentuada declividade topográfica. Tínhamos, pois, pela frente, rumo ao êxito integral visando a consecução do campo próprio, uma luta de dimensões imprevisíveis. Urgia agir sem vacilação e sem perda de tempo, por isso mesmo que, em dias imediatos à escritura, lá estávamos – nós e o Nininho (Firmino Sales Botelho) – por nós convocado para levarmos a efeito o nivelamento do terreno. Esse dileto amigo da juventude, então estudante de engenharia e encontrando-se em férias não se fez de rogado; metemos, pois, mãos à obra:

[51] Fra.: Sociedade elegante.
[52] Lat.: "No Século dos Séculos", eternamente.

ele no nível, eu na baliza e o... "Engenhoca" (ainda aqui o pretinho amigo) batendo estacas... Em poucos dias estava pronto o trabalho que marcaria friamente, em frios e irreversíveis números, um tremendo "osso a roer": uma terraplanagem com oitenta e tantos metros por aproximadamente sessenta, com diferenças de nível de três, quatro e até mais de quatro metros!!... Era um "pouco-meio-muito" para a indigência financeira do clube, que nunca auferira outra renda senão a contribuição mensal dos sócios: 2$000!! "Dois mil-réis" – aí vai a "tradução" dessa expressão gráfica-monetária dessa velharia que só nós – os "fósseis" – pretendemos ainda entender... Arrecadavam-se, por aí assim, uns 200$000 mensais (vinte centavos de hoje!...), minguados, mas bastantes ao custeio das despesas ordinárias, num verdadeiro "milagre" financeiro do mil-réis, incompreensível para as gerações novas mistificadas por esta era inflacionária do cruzeiro...

Tratámos, pois, de esquematizar novos planos para a "corrida" insana rumo à meta onírica do "vil metal", animados de uma furibunda "*auri sacra fames*"[53]... Nesse ínterim, eis que surge no penumbroso e apreensivo horizonte de nossas lucubrações indormidas, um clarão promissor – como se do páramo descesse um anjo providencial para nos ajudar na solução do empolgante problema... Era o nosso bom amigo Siô Benjamin (Dr. Benjamin Hunnicutt) – aquele que foi realmente, neste mundo, um "anjo" de compreensão e bondade – que então, nos sugeria tentarmos a terraplanagem com arados, os quais a "Escola Agrícola" nos emprestaria com o respectivo "pessoal técnico", isto é, os aradores e... os mansos bucéfalos... Tentámos o feito durante alguns dias, sempre com a presença do extraordinário "*gentleman*", mas para nossa decepção, concluímos pela sua impraticabilidade, face ao vulto do empreendimento. Morreu assim, no nascedouro, a fagueira esperança com que nos animou a espontânea, generosa e amiga cooperação do insigne amigo de todos nós – o americano jovial, simples e acessível, de espírito sempre voltado para o bem de nossa terra.

E voltamos à estaca zero, mas agora com planejamentos definidos para a grande e duríssima promoção. Deliberamos lançar um empréstimo em "debêntures" de 50$000, cuja soma total não consigo encontrar aqui no "alfarrábio contábil" do "miolo" castigado de tantos castigos, cansado de tantas canseiras... creio que foi, por aí assim, a "fantástica" soma de 5:000$000!!! (Cinco contos de réis, ou seja, cinco pobres "cabrais" de hoje, mambembes, sujos e mutilados aí nas mãos do desprestígio popular...". Nomeada uma comissão para a colocação das "debêntures", desencadeou-se então uma corajosa e indormida "caçada" que,

[53] Lat.: "Sagrada fome pelo ouro".

ao final de prolongada jornada, em árduas andanças para as "gambias" e para o "gogó", conseguiu o duríssimo "*tour de force*"[54]... Daí ao início dos serviços foi apenas um átimo, pois estávamos na euforia confortante do calor da "prata"...

Aqui então sobreleva-se a figura inconfundível do Juca Venerando – na sua dedicação, no seu dinamismo "*à outrance*"[55], no seu entusiasmo explosivo... Ele fora destacado, como mais experiente por isso que "mais velho" – ou, melhor, "menos moço"... – para administrar o vultoso serviço. Entrando em imediata atividade, contratou os serviços de terraplanagem com conhecido mestre no "*métier*"[56] – com sua turma experimentada e seu equipamento adequado: carrocinhas de aterro e respectivos "Motores" de quatro... patas, "silenciosas" e movidos a capim gordura...

E o dia das primeiras "picaretadas" oberou alvissareiro; fomos, em numeroso grupo, assistir àquele limiar da concretização de um desiderato generoso e altruísta e cada um – com bandeirosas verdes drapejando na alma – vibrou a sua "picaretadasinha histórica"... abrindo no chão duro – bem ali ao pé do velho coqueiro em que se colava o manso burrico – os primeiros sulcos que se transformariam no "campo da Rua do Fogo" – modesto na sua fisionomia inicial, mas grandemente expressivo na sua feição pioneira. A "orquestra" das pás e picaretas teve, então, o seu curso normal, sob a "batuta" do empreiteiro e assistida pelo zelo do Juca Venerando, na função que lhe foi delegada, e por nós outros – tantos... na ansiedade de nossa expectativa. E foram-se sucedendo os dias, as semanas, os meses...

Durante essa decorrência, nova e permanente atividade se desenvolveu em torno da fugidia "grana", visando a continuidade dos serviços, periodicamente ameaçados de interrupção. Foi então uma sucessão memorável de "festividades" – música, teatro, etc. – em benefício do "querido Lavras", e em que preponderou a iniciativa dedicada e entusiasta do elemento feminino (tantas, tantas...) coadjuvado pelo velho Guinho (Domingos Cezarini) com seus notáveis arranjos musicais; Juca Venerando, com sua experiência na ribalta provinciana; Ezelino fazendo ouvir sua notável voz lírica de barítono; o piano do boníssimo mestre Ricciotti Volpe e da excelsa D.ª Virgínia Scorzza; e todo um agitado mundo social de vocações para a música, para o canto, para o palco, arregimentado em comovedora e espontânea coalizão num sentido nobre pelo seu conteúdo de altruísmo e civismo. E toda essa paisagem de tanta beleza espiritual, focalizada, para o interesse público, pela propaganda

[54] Fra.: Esforço, proeza.
[55] Fra.: Em demasia, excesso.
[56] Fra.: Profissão.

promocional forjada por nós outros – o Jorge Duarte, Firmino Botelho, etc. – cabendo este pobre "contador de estórias" a feitura de um sem número de cartazes convocatórios (ou "debandatórios"...), em os quais o que mais abundava – "*pour épater*"[57]... era indefectível sentença da velha Grécia: "*mens sana in corpore sano*".

Assim "cavando" recursos necessários à continuidade dos serviços, a esplanada foi paulatinamente surgindo, lisa e convidativa, por isso mesmo que já servindo para os nossos "bate-bolas" dominicais de encontro ao barranco. O que estava certo, mas o que foi errado é que, certa feita, em um "bate-pronto" violento, não atingi o aludido barranco, eis que a bola em sua trajetória, "encontrou" um incauto "frontispício" humano – ou precariamente humano... Era o do pobre preto "Engenhoca", sempre presente com sua incondicional dedicação de anormal; caiu de costas, levantando-se apavorado, tanto e... "baixou" em desabalada carreira... Resultado: perdi meu devotado "escudeiro" – o malfadado pretinho (era, então, um adolescente) nunca mais apareceu em nossas ambiências esportivas...

Nessa altura dos acontecimentos, considerando que o clube estava com sua vida consolidada – agora em termos de muito maior responsabilidade e importância – face à aquisição de valioso patrimônio – levamos a efeito a reforma dos estatutos, visando a normalizar devidamente sua personalidade jurídica. Designada uma comissão para este fim (Jorge Duarte, Sólon de Barros, o escriba desta "estória" e outros companheiros, cujas sombras não consigo identificar na penumbra...), elaboramos o rascunho do trabalho bem ali num banco do "nosso" saudoso jardim, à sombra dos ipês adolescentes e das vetustas casuarinas que "morreram"... quando morreu também uma tradição centenária de nossa terra...

Mas, a verdade é que, com mais umas sequências de homéricos "arrancos", conseguimos a concretização inicial do empreendimento há tanto palpitante em nossos anseios de moços: a terraplanagem se completara e lá estava a esplanada poeirenta e vermelha da terra subjacente aflorada... mas, convidativa e promissora... Sem cogitação de quaisquer avanços imediatos – que os "caraminguás", então arrasados, não comportavam – apenas se ativaram o levantamento dos "*goals*", a cercadura, embora rudimentar, do "*ground*" e a colocação do portão da Rua do Fogo, eis que era chegada de se "cavar" algo mais rentável para a complementação da obra. E toda uma sequência de jogos foi levada a efeito com este objetivo – São João del-Rei, Perdões, Nepomuceno, Ribeirão Vermelho, etc. – agora sem o "milagre" econômico de orçamento de despesa... sem receita, como dantes, na acolhedora

[57] Fra.: "Para chocar".

"Esplanada das Oficinas"... E a minguada "gaita" – muita vez, deficitária – ia sendo investida em melhoramentos mais urgentes: cercaduras do terreno, vestiário, redes para os "*goals*", estas tecidas, perita e graciosamente, pelo Amadeu Pinheiro, que, foi, também, certa feita, eficiente presidente do já então "glorioso Lavras"... na vez da imensa 'torcida", em que pontificava a ternura incentivadora das "melindrosas" da sociedade gentil e fidalga daquela fase inesquecível da vida de Lavras, ou, talvez melhor de nossa vida...

Um rosário de episódios pitorescos era comumente o corolário de tais promoções: o jogo com o "Perdões F. C.", cuja "embaixada" trouxe uma terrível turma preparada para "o que desse e viesse", chefiada pelo Dusinho (Resende), Ari Teixeira (na sua barulhenta motocicleta), Nílton Teixeira e outros "*valliants*", os quais, aos gritos de "cloaca" (o epíteto sujo e malcheiroso com que a intolerância de lá "mimoseava" Lavras, em represália à intolerância de cá, que mudara – aliás, com verve literária... – o topônimo de Perdões para Itaoca, a "cidade morta" do grande Monteiro Lobato...), os quais, dizíamos, aos gritos de "cloaca" mesclados de "pedra noventa" com todas as contundentes letrinhas, primaram – *ab irato*[58] – na provocação de um possível e desastroso ambiente que, felizmente, não se verificou, pois não houve o esperado revide. "*Deo gratias*"...[59] E como o "mundo dá muitas voltas", aqueles moços brigões de então viriam a ser esses excelentes cidadãos há tanto integrados na família lavrense e tão "lavrenses" como o lavrense mais "lavrense"...; a pelada entre o "Moreno F. C." e o nosso segundo "*team*" – este comandado, como sempre, pelo Barão (João Sidney Pinto) em sua posição de "*center-half*" – em que o clube das "morenas" formou com a "formidável" parelha de "*backs*" – Antônio e José da Lina – em "alta performance"... isto é, mais de dois metros de altura cada um... e é provável que tal "altitude" – vez ou outra – eles tenham visto os "balões" a versos, passando, passando... ; e tantas e

[58] Lat.: Movido pela cólera.

[59] NOTA DE GETÚLIO DE OLIVEIRA: Esse jogo foi em retribuição ao convite do "Perdões F. C.", quando lá fôramos e nos "engalfinhamos" numa autêntica "tourada" em uma pequena esplanada de aproximadamente cinquenta por trinta metros, ao lado da estrada-de-ferro, onde fincaram uns bambus à guia dos "*goals*"... de quatro por dois metros, se tanto, junto dos quais se aglomeravam os "*cracks*" perdoenses numa verdadeira e inconsciente previsão do hoje chamado e praticado "ferrolho"... Não era "canja" fazer "*goal*" em tais "golzinhos" assim "fechados" pelos bisonhos adversários, por isso mesmo que determinamos aos "*forwards*" que se entrasse "no peito"... e como naquela fase do "violento *sport* bretão"... percursor do super-retrado futebol de hoje, não havia restrições à "*charge*" – à "marreta"... – foi então uma impiedosa "carnificina", da qual não escapou também um "*back*" perdoense, estudante de agronomia no Estado do Rio, "*valliant*" e brigão, e que – "o mundo dá voltas..." – se chamava João Modesto de Souza... aquele mesmo moço, então fadado a futuro "dono" da dita "prosaica dependência", em que, malgrado, a lira de Jorge Duarte viu o festival colorido dos ipês e a de Duque da Rocha – numa jóia do parnaso nacional – elegeu a terra querida para seu repouso eterno...

E os "*goals*" vieram, mas veio também uma tremenda "chuva" de bagaço de laranja, "musicada" pelos gritos de "cloaca, cloaca..." com que fomos "festejados" morro acima (inclusive várias "melindrosas" que nos acompanharam ao hotel para esperar o ansiado trem de volta...).

tantas outras "estorinhas" no bojo desta "estória" – aqui, ali, acolá – que seria um nunca-acabar, talvez interessante para nós outros, os pouco saudosistas ainda restantes ao longo do caminho, mas certamente enfadonho até mesmo para nossos filhos, e muito mais para nossos netos... "bossa-nova" do presente, alheados do futuro e irreverentes com o passado...

Nessa altura já não contávamos com a inestimável presença dos diletos companheiros Jonas Soeiro e Sólon de Barros, este por haver "arrepiado carreira", regressando ao seu distante Pernambuco, e aquele que se transferira para São João del-Rei, convidado pelo "Ginásio Santo Antônio" para seu técnico esportivo. Nessa ocasião cooperamos para a fundação de um "Centro de Cultura Física", que funcionou ali aonde está o "Bar Tujaque", com a finalidade de assegurar a presença substancial do excelente Jonas Soeiro, mas a tentativa falhou, eis que o "Centro" teve vida precária e curta. E nós perdemos dessa feita, em definitivo, dois inolvidáveis amigos e o "Lavras" dois grandes elementos de proa...

Todavia, nessa fase, já havíamos deixado a presidência e voltado a nossa função "vitalícia" de Diretor de Sports... E nesse "*métier*", o pobre bípede se "virava", "cultivando" "*cracks*" e "muletas", e "semeando promessas" no treinamento de juvenis, que "boa safra" de produtos "*Made in Lavras*" viria a resultar: Floriano, o "Marechal das Vitórias" – nos gramados nacionais e alienígenas, Clóvis Melo, Maeco, etc., nas canchas de Belo Horizonte, Rio, etc..., e aqui mesmo na modéstia de nosso ambiente esportivo, ao lado de tantos e tantos outros saudosos "cobras"... Talvez nossa "semeadura" – a influência do "humo" que aplicávamos na oportunidade dos treinos – à guisa de "prêmios" aos vencedores juvenis ou infantis: umas latas de goiabada... eu – quejando...

Bem, a luta pelo melhoramento do campo, no tocante às suas condições dimensórias, não estava terminada. Era mister aumentá-lo no comprimento de modo a adaptá-lo às precisões regulamentares. O recurso era adquirir mais um pedaço de chão do confrontante... mas isso não se apresentava de fácil solução, eis que, naquela linha divisória levantava-se uma barreira mística, visceralmente conservadora e alheada das coisas temporais, tradicionalmente inacessível às incursões profanas... o velho Padre Licas[60], íntegro e intangível, respeitado na grandeza de sua sabedoria... temido no zurzir de seu látego sacerdotal... Mas... havia em nossas fileiras um "*valliant*" capaz de tal "façanha" – transpor a abrupta estacada – o Juca Venerando... mesmo porque ele possuía um providencial "salvo-

[60] O Monsenhor Aureliano Deodato Brasileiro (1843-1936), ilustre padre lavrense que exerceu o sacerdócio por setenta anos [NÉMETH-TORRES, 2010: 20].

conduto": as "credenciais" de "coroinha" que fora na meninice, quando engrolava aquelas misteriosas palavras em latim... e pendulava o turíbulo fumegando aquele piedoso cheirinho do céu... E se a candura religiosa do menino coroinha ficou à margem do caminho, ao impacto de tendências ou convicções agnósticas do homem, nem por isso este deixou de ser "*persona non grata*" do intemerato e venerável sacerdote; mantinha, pois, dentre tão poucos, relações afetivas com o austero ancião e, assim, obteve o desejado sucesso em sua "temerária aventura"... O "Lavras" passou a possuir o espaço necessário para complementar as dimensões do campo, ou seja, trinta ou quarenta metros para lá do "tapume" primitivo. Preço: 800$000, oitocentos mil-réis!!! Cr$ 0,80, oitenta centavos do "cabral" de hoje, que mal dão para comprar uma dúzia de banana...

O serviço de terraplanagem complementar foi executado, não sem aquelas mesmas "duras penas" peculiares ao utópico "*métier*" de "cavar minhocas na parede"... O "Lavras" estava, assim, de posse de um "*ground*" apresentável cá para nossos provincianos pagos, eis que no "interior", naquele "pretérito mais que perfeito", "gramado" era terra batida mesmo e "arquibancada" era mesmo barranco e sombra de bambu...

Bem... mas não se consubstanciava apenas nessa realidade – já, por si só insinuando euforias de vitória – nossa meta de sonhadas realizações, tanto que, naquela oportunidade, este pobre rabiscador "curioso" desenhou um "estadinho" com arquibancadas do lado dos bambus e do outro lado aproveitando em rampa, a elevação dos barrancos (exatamente como feito, neste particular, muito tempo depois, já o "Lavras"... "crismado", mas com mudança de nome e de... "sexo"... eis que passou a chamar "Olímpica", que pode não ser "graça" de mulher, mas "Olímpia" o é... e nós conhecemos a "parônima"...); mas, aquele modesto desenho-projeto "foi ficando" para as "calendas", por isso que era, então, tarefa visionária atingir esse gabarito de nossos anseios. E o pobre trabalho, assim malogrado "*in limine*", teve o seu natural e melancólico destino – o jazigo poeirento dos arquivos...

Na sequência de jogos. A partir dessa fase, recebemos a visita do "Sparta F. C." do Ginásio Santo Antônio de São João del-Rei, acontecimento marcante e prenhe de expectativa, pois o valoroso "*club* dos frades" era agora treinado pelo velho Jonas Soeiro, que – "por dever de ofício"... jogaria então contra seu "querido Lavras"... eis que o "*shoot*"[61] sai dos pés e não do coração... Foi um verdadeiro festival de fidalguia e congraçamento com a notável comitiva chefiada por aquele frade esportista de cuja simpatia aureolada de santidade, guardamos ainda

[61] Ing.: Chute.

nítida lembrança, não obstante seu nome já apagado lá longe; desde o magnífico "*match*" aos "comes e bebes" e aos "arrasta-pés" nos salões fidalgos e acolhedores de então, imperou um ambiente de esfuziante alegria e entusiasmo, florido como sempre, pela "turma" inolvidável, que, em tais oportunidades, invadia o recinto cantando os nossos hinos na aguarda da hora de se "deitar o verbo", em que brilhava a palavra fluente e colorida daquele "crânio" que se chamou Jorge Duarte... Derrotamos nossos leais adversários apesar de seu "duplo *handicap*"[62]: para o "Sparta" a presença e para o "Lavras" a ausência do grande "*center-half*" Jonas Soeiro...

Mas, a euforia consequente do celebrado êxito durou pouco... eis que o "glorioso Lavras" logo depois, lá no "gramado" (também sem grama...) do Ginásio Santo Antônio, perderia algo da prerrogativa de blasonar aquele pretendido adjetivo... "sofrendo" um "eclipse parcial" de sua cantada e decantada "glória"... Tragamos o fel da derrota (vá lá a chapinha...), a segunda de toda a nossa campanha até então, e essa de forma contundente em consequência de imprevistos de última hora, determinantes de modificações substanciais no "*team*" que havia sido treinado para o encontro, ressaltando-se o "azar" verificado com o Tusinho (Artur Azevedo), nosso excelente "*center-half*" na oportunidade, o qual, malfadadamente, foi "agraciado" com uma "água no joelho" que o "aposentou" de vez para as atividades esportivas. E como agravante para o inesperado fracasso, o pretenso "*back*" "pé de ouro" (modéstia às favas... pois ouvia-se algures essa "heresia" dourada...) – sem cuja presença o Morgado "perdia as estribeiras", como dizia – caiu na asneira de fazer umas "exibições" de paralela no intervalo da competição (modéstia às favas mais uma vez... pois éramos realmente "cobras" nessa modalidade atlética, como também em barra, argola, trapézio, trampolim, etc., como remanescentes dos "cirquinhos" da meninice, em que fôramos sempre o "artista principal...). Resultado da "farolagem" (ou castigo...): distensão muscular e consequente "cerca"...

O "*score*" foi de 4x1... E como integrassem nossa comitiva exatamente quatro gentis elementos (silêncio coração...), a torcida "spartana" "resolveu" – irreverente – "oferecer", como "*souvenir*"... um "goalzinho" a cada uma... Mais que a derrota ocasional e explicável, essa caprichosa coincidência numérica calou, impiedosa, na decepção e na amargura com que regressamos a penantes... Dentro de um "carrinho" ferroviário com um "cheirinho" de rabecão e de velório...

[62] Ing.: Desvantagem.

E a vida do "Lavras" continuou seu curso normal, carente de acontecimentos de monta, apenas cumprindo sua modesta rotina, sem maiores e sonhados eventos que possibilitassem a realidade dos projetos esquematizados para a edificação de uma condigna praça de esportes.

Nos idos remotos de 1921 (meio século!!!), funcionário do Banco de Crédito Real (o Cel. Pedro Sales, o Jorge Duarte e nós, "éramos" o "quadro" de funcionários da agência...), fomos transferido para o Rio de Janeiro em atendimento a pedido que fizéramos ao presidente de então – Dr. Américo Luz – o varão lhano e acolhedor que não destoava da respeitável estirpe, dispensando ao modesto funcionário a honra de sua atenção e deferência, sempre demonstradas em nossas entrevistas em Juiz de Fora e culminadas na carta "particular" que nos escreveu – dois anos mais tarde – ponderando e aconselhando ao moço irrefletido a revogação de sua atitude (insistimos, entretanto...), quando já nas funções de contador, lhe endereçamos nosso pedido de exoneração "metendo o pau" num inspetor ignorante e pretensioso... (Que a terra lhe seja leve... com o "Pão de Açúcar" por cima... como costumava "sentenciar" a verve irreverente do Jorge Duarte, tais fossem as "virtudes" do "*de cujus*"[63]...) Mas, apliquemos aqui uma rápida "marcha-à-ré cronológica" a este pobre "calhambeque de bigode" que tentamos conduzir por estradinhas sinuosas e já nevoentas, à guisa de história, mas apenas "estória"... mal contadas: é que, noticiando nossa transferência para o Rio de Janeiro, dizia a generosidade do velho e austero "*O Município*"[64] (vá lá a imodéstia, tangida por natural mas despretensiosa vaidade):

> GETÚLIO DE OLIVEIRA
>
> "Partiu sexta-feira para o Rio de Janeiro o sr. Getúlio de Oliveira, transferido da filial do Banco de Crédito Real de Minas nesta cidade para a daquela capital. A remoção do distinto moço, se representa uma promoção justa, que os seus amigos vêem com prazer, vai privar-nos entretanto de uma companhia a que estávamos habituados há longos anos, e que dificilmente poderemos esquecer. Convivendo na sociedade lavrense desde pequeno, nascido aqui, Getúlio de Oliveira era sempre o companheiro afetuoso e bom, o amigo sincero e leal, o cidadão culto e trabalhador. O seu nome está ligado na história da mocidade lavrense como fundador do "Lavras Sport Club", associação que se ainda existe até hoje, deve-o quase que exclusivamente são esforço perseverante e nobre do nosso conterrâneo. Para a vida esportiva lavrense ninguém contribuiu mais do que ele, e tão dificilmente é o nosso meio esportivo que não terá o "Lavras" um substituto na altura desse que se ausenta. Deixamos aqui os nossos votos, os mais sinceros, para que a residência do nobre amigo seja muito feliz na capital da república".

[63] Lat.: O falecido.
[64] Jornal lavrense fundado em 1912, ligado a então poderosa família Sales.

Bem... aí está esse generoso acerco de encômios a que nunca pretendeu nossa humildade... por isso mesmo que ouvimos "lá de dentro" – dos arcanos da autocrítica – um "apito" estridente e decisivo: "*foul*"... "*penalty*" incontestável do noticiarista... eis que a "infração" teve lugar na "área" dadivosa do coração...

Mas, o que o redator ignorava e não podia registrar, é que aquele pedido de transferência envolvia um drama sentimental a cuja dolorosa renúncia nos impeliam ponderações e convicções arraigadas no espírito e em permanente conflito com as insinuantes imposições do coração... Partimos angustiados, esgotamos gota a gota a taça amaríssima do "exílio" voluntário e... voltamos – sim, voltamos para restabelecer a unidade de nosso ser, para nos integrar de novo em corpo e alma... eis que esta havia ficado por aqui na ambiência tradicional e afetiva das coisas e da gente da comunidade natal.... Na desolada "fuga"... as "razões da razão" – no confortador retorno... as ditas do coração...

Distinguindo pela generosidade de uma ruidosa recepção quando desembarcamos do sonolento trem de Barra Mansa – a via mais... viável daqueles tempos – reingressamos, então, nas indômitas fileiras do "glorioso Lavras", sem, entretanto, aceitarmos qualquer cargo administrativo. Mas, voltando à tão acolhedora quão inesperada recepção: lá estava o "bonde-orgulho" – o serviçal "ioiô – "gordo" de pingentes, como que "tomando fôlego" para a escalada ronronante do "morro da estação"... Mas... havia também, no bulhento acúmulo, estranhos coloridos de quepes e fardas... Seria prestação de "honras militares" ao "herói" de regresso à 'pátria"... ou prenúncio de "cana" para o pobre "desertor"? Não, não era nada disso, não... É que a "turma" – que era mesmo do "barulho" cometera "excessos" por aí, em andanças boêmias na calada da noite-madrugada anterior... Resultado: denúncias e consequentes intimações policiais para o devido "puxão-de-orelha"... ou olhe lá... para possíveis e contundentes contatos com o "*casse-tête*"... Daí haver o "Delegado Especial" de então (sim, as eleições se aproximavam...) achado de bom alvitre tomar a viatura acompanhado de alguns "tiras" – eis que notara na cambulhada inquieta aqueles mesmos "maus-elementos" que "conhecera" no "torniquete" moral da delegacia... Urgia conhecer "mais esse" que retornava com supostos apanágios de liderança... E o dito "mais esse" – que, ao invés de pretensões a prerrogativas de líder vencedor, não trazia na alma senão um gostosinho amargo e renitente de derrota – abancou-se, entre "hurras" e abraços, bem nas proximidades do olhar dracônico do boleguim – que o fitava, inquiridor e... inquisidor, lá das "culminâncias" do boné vermelho e dos botões dourados de cérbero da justiça e da ordem...

mas, foi só isso. O que não foi mau, pois só assim poderíamos "provar" – embora fugazmente – o sabor etilizante da "glória" de uma homenagem cívico-militar...

Em 1922 (meio século, meu Deus...) – ainda em muito boa forma para "brigar", jogamos nossa última partida e... partimos, resoluto, para a cerca compulsória e definitiva... pendurando as "*shooteiras*", já rotas e cansadas, no cabide cinzento das renúncias... E se o veterano não teve acaso áureos lampejos nas "gâmbias", teve-os, no entanto, no coração, encerrando com "chave-de-ouro" o seu "arquivosinho" esportivo exatamente em competição – sem vencedor – com o nobre e tradicional adversário "Himalaia F. C." (às favas os "sururus" de antanho...). Exatamente convivendo pela última vez com aquele viveiro de amigos – sempre cambiado no vaivém dos veteranos e calouros do grande educandário de Samuel Gammon – que defendia com "aquela garra" o reduto verde do "Periquito" – o valoroso parceiro do "Lavras" no registro de vibrantes e inolvidáveis capítulos da tradição esportiva e social de nossa terra. Daquele nosso "canto de cisne" (sem pretensão...) guardamos cá no bestunto umas "gravações" algo de somenos, mas vá lá que as registremos nesta arenga: os "balões" "estratosféricos" do Erasto na faina de "limpador de área"; os "centros" magníficos do veloz extrema-esquerda Ladeira, o excelente amigo e posteriormente afim; a "raspada" que nos "proporcionou" o "*center-half*" Otoniel, da qual "ostentamos" até hoje a "condecoração" de uma cicatriz na varicosa canela; a nossa "inovação" de jogar de "pé-de-anjo" – mais "camarada" para o calosinho "quente-fervendo" que nos castigava o malfadado mindinho de uma das "patas"...

Em 1923, casamo-nos. E a vida – a luta insana e indormida – nos afastou de tudo... de tudo que não fosse luta indormida e insana...

Entretanto, a bondade dos velhos companheiros de jornada ainda nos reservava uma surpresa: algum tempo depois, elegeram-nos mais uma vez Diretor Esportivo, desta feita "a traição" e sob a alegação de que precisavam da continuidade de nossa presença e de nosso concurso. Assim convocado e sensibilizado pela generosa confiança da turma fraternal... voltamos... Engajamo-nos novamente nas fileiras atuantes do "Glorioso", àquela altura já com tantos e tantos valorosos veteranos da árdua companha – dispersos pelas contingências da vida e da luta... alguns levados cedo para o mistério do fim... Voltamos empunhando ainda o facho ardente do entusiasmo – que leva à dedicação incondicional e ao próprio sacrifício.

Mas, a tal de "*struggle for life*"[65]... raramente "conspirava" e com sua bocarra devoradora... assoprou e apagou a teimosa chama... e nossa precária "*rentrée*"[66] teve apenas a fugacidade de um sonho, bem – afastamo-nos completa, decidida e definitivamente.

Mesmo assim – na penumbra crepuscular da renúncia compulsória – a generosa camaradagem da turma não esqueceu o companheiro ausente, "teimando" em lhe auferir honrarias em que jamais pensara na meia-luz de sua humildade: em 1926, em pleno entrevero com a adversidade com que os fados nos foram sempre impiedosamente pródigos – o que dimensiona e releva a grandeza e a sinceridade da envaidecedora homenagem – recebemos o seguinte ofício acompanhado de um "ingresso permanente":

> Lavras, 6 de outubro de 1926
>
> Exmo. Snr. Getúlio de Oliveira
> Nesta
>
> Prezado Snr.
>
> Tenho a satisfação de levar ao vosso conhecimento que, em sessão do "Lavras Sport Club" realizada em 1.º do corrente, foi votada por unanimidade a vossa nomeação como sócio benemérito do *club*.
>
> Os motivos que nos levaram a isto estão a vista – os relevantes e inolvidáveis serviços que prestastes e tendes prestado ao nosso querido e glorioso "Lavras", que foi e é o orgulho de nossa mocidade. Abordar quaisquer considerações acerca da nossa escolha será supérfluo – estão patentes e agora estão frutificando os vossos esforços.
>
> Abraçando-vos, em nome da diretoria, subscrevo-me com leal estima.
>
> J. Pinto, 1.º secretário.

É o que se contém – "*ipsis-litteris*" – nesta folha de papel timbrado amarelecido pela pátina de quase meio século, mas trazendo ainda incontidos lampejos de entusiasmo, de saudade e gratidão ao coração do velho – também "patinado" de desilusões e angústias aí pelo áspero e já longo caminho percorrido.

E o "Lavras" seguiu sua trajetória repassada de êxitos e de fracassos, de fases áureas e de desoladoras crises, que me chegavam ao conhecimento vez em vez, alegrando-nos ou entristecendo o duro "batente". Assistíamos ainda a alguns jogos, mas como simples espectador, pagando ingresso, sem nos utilizar nunca do "ingresso permanente" que acompanhou o ofício que nos outorgava o imerecido, por certo, mas grato e honroso título de

[65] Ing.: "Luta pela vida".
[66] Fra.: Reinício de atividades.

sócio benemérito; publicamos ainda algumas crônicas sobre fatos da atividade do 'Lavras", pensando assim – da sombra marginal do anonimato –, prestar ainda o concurso de nosso estímulo aos novos continuadores da obra, cujas estacas fundamentais, modestas embora, havíamos batido em solo adverso no calor sadio de uma geração idealista.

Entretanto, nessa altura, o "nosso querido Lavras" já não era mais "nosso"... e este possessivo encerra, numa emotiva evocação de ternura e de saudade, toda aquela comunidade inesquecível – "eles e elas" – em que mobilizávamos, nos arroubos da mocidade fraterna de nosso tempo, todo um acervo edificante de dedicação, entusiasmo e sacrifício em torno do "nosso querido e glorioso Lavras"... Já com seus quadros sociais e administrativos tomados por gerações novas – mercê do "eclipse total" dos "velhos", dispersos pelos caminhos da vida... o "Lavras" prosseguiu sua rotina específica, da qual nos alheamos radicalmente ao longo de vários anos.

Em 1937 (ou 38)[67] uma plêiade de idealistas – como nós, havia trinta anos passados – fundou uma nova entidade esportiva em nossa terra – a "Associação Olímpica de Lavras". Acalentando-os novos cruzados, projetos de alto gabarito esquematizados no calor das lucubrações de altruísmo visionário, logo na primeira curva do caminho – que imaginavam amplo e plano – toparam o óbice granítico de uma pedra de dificílima superação: a localização adequada à concretização do sonhado desiderato. Foi então que – premidos pelo impasse, cuja superveniência certamente não houvera sido cogitada pelo otimismo inicial – concertaram o plano de encampar a título gracioso o patrimônio do "Lavras", o qual, na época, dormitava em uma de suas intermitentes crises de desânimo e marasmo. Ignoramos qual seria a diretoria naquela oportunidade, mas a verdade é que, composta de "gente nova" – como de "gente nova" já era a totalidade do quadro social em atividade – obviamente, a proposta dos fundadores da "Associação Olímpica" foi acolhida com efusão de entusiasmo pela mocidade de então, que, imune de qualquer motivo sentimental que a prendesse à tradição do "Lavras", queria era "movimento"... e, sem dúvida, havia perspectivas mirabolantes acenando tentadoramente... Consultado, então, sobre nossa atitude, nada objetamos apesar de procurado por inúmeros companheiros da "velha guarda", que, inconformados. Pretendiam que chefiássemos um movimento contrário ao que se "tramava". A todos, entretanto, procuramos convencer de que a humildade de nossa renúncia – eis que todos já na "cerca" compulsória e definitiva para tais atividades – só poderia resultar em

[67] A data oficial da fundação da Olímpica é 20 de julho de 1937.

benefícios para nossa terra. Imbuído desse ponto de vista – aliado a uma visceral idiossincrasia a privilégios e honrarias – nem mesmo pleiteamos a manutenção ou continuidade de nosso diploma de sócio benemérito, como seria logicamente devido no nosso caso; ao invés disso, ao sermos solicitado, inscrevemo-nos como "sócio cotista", cobrindo devidamente nossa cota e prestando ainda – ainda cooperando com a modéstia de nosso esforço – alguns serviços a então novel agremiação – tais como a pintura de anúncios comerciais nos muros internos da praça, a concepção e desenho do emblema social, etc... Este permanece na sua feição inicial – fiel à mística sentimental dos símbolos – aqueles, nem sabemos se existem ainda, batidos há tanto pelas intempéries... Temos, entretanto, uma certeza: o nome do pobre cooperador há muito se apagou sob a pátina do tempo, pois mesmo nossa qualidade de sócio, cremos não mais sobreviva, mesmo porque muito provavelmente já aconteceu ao arquivo da "Olímpica" o mesmo que ao do "Lavras" – evaporou-se ao sopro da omissão e da desídia...

Ignoramos como se processou a transmissão do patrimônio então existente – se houve escritura pública, se apenas ata de assembléia, conjunta das duas entidades ou... simples e sumária mudança de denominação. Esta última fórmula contornaria o disposto – *in fine* – nos estatutos iniciais do "Lavras" – e dos quais fizemos constar com altruísmo de autênticos idealistas – que determinava a adjudicação do patrimônio em benefício da Santa Casa, no caso da extinção da entidade. Não se caracterizaria a figura legal ou jurídica da extinção, mas apenas a adoção de nova denominação; entretanto, não sabemos se citado mandamento estatutário era ainda vigente ou se houvera sido revogado ou modificado em reformas possivelmente levadas a efeito, mas das quais não temos nenhum conhecimento, como é óbvio, dado nosso total afastamento há tão longos anos. Aliás, qualquer que tenha sido a fórmula efetivada, é mister que se ressalte não pairar o menor ressaibo de dúvida quanto à lisura do cometimento – imune de qualquer intuitos de postergar uma determinação estatutária de tanta relevância – eis que muito acima disso o que paira – isto, sim – é o gabarito moral da plêiade de moços idealistas que se propuseram à dura luta de continuar em grande estilo um grande sonho de solidariedade comunitária. A verdade é que se arriou uma bandeira que inspirou tantas gerações, que presidiu a tantos eventos marcantes dos anais esportivos e sociais de nossa terra – e se hasteou outra bandeira com outras cores e outros símbolos, mas com os mesmos desígnios, com os mesmos sonhos bons, com os mesmos ideais nascidos e acalentados no mais puro sentimento de altruísmo...

Foi um erro? Foi um acerto? Em que pese o arquivamento compulsório dos mirabolantes projetos da nova entidade – por isso que utópicos e inadequados às possibilidades ambientais de então – apesar do soçobro daquele barco azul que trazia na proa voltada para promissores rumos, o convocatório "*slogan*" – "o que torna um sonho irrealizável não é o sonho em si, mas a inércia de quem sonha" – apesar desses pesares algo se concretizou e algo vai se concretizando no sentido da grandeza da "Olímpica" na paisagem confortadora da grandeza crescente de nossa terra. É bem verdade que nada de bastante substancial que pudesse justificar – como se esperava – o ocaso de uma tradição já com profundas radicações nos fastos da comunidade lavrense, para propiciar o surgimento de uma nova aurora apenas colorida pelos olhares – muita vez enganosos – de fagueiras e tentadoras promessas... Sim, é bem verdade que para tanto, improcedeu a altruísta renúncia daquele ponto final numa história tão querida, tão cheia de evocações de um passado bom e da gente boa a fraterna da comunidade de então, através de tantas gerações. Mas, de qualquer forma, em que pesem as decepções, o primordial de nossos anseios aí está: a continuidade operante – rumo a assinalados destinos – desse patrimônio de que não é do "Lavras Sport Club" nem da "Associação Olímpica de Lavras", mas da nossa boa e querida terra. E aqui invocamos a consciência cívica dos velhos companheiros inconformados – vários já no grande e inolvidável sono do além... certos de sua compreensão e altruísmo – eis que é certo também que em nosso ânimo, nos entreveros da dura jornada do passado – apenas viveu o impulso sadio de uma juventude idealista e jamais insinuações da vaidade e cogitações de honrarias no conceito e julgamento dos pósteros...

Permanecendo em total alheamento, apenas comparecemos a um jogo da "Olímpica". Foi em 1944, contra um conjunto de Belo Horizonte, cremos que formado por estudantes, por isso que a embaixada veio chefiada pelo Rui de Souza, então acadêmico e de há muito renomado jurisconsulto. Mas, o que nos arrancou da toca foi um motivo sentimental: o Sérgio, no entusiasmo dos 18 anos e eufórico face ao anseio que lhe oferecia à tendência eminentemente competitiva, me houvera avisado de que havia sido escalado e que, assim, ia fazer sua estréia oficial no conjunto titular da "Olímpica". Que desejava que comparecêssemos. Comparecemos... e vibramos – como vibrava toda a numerosa assistência – com a performance magnífica de um verdadeiro craque... Mas durou pouco a euforia – a fatalidade (sempre pródiga...) "enxertou" o time do adversário... e o Sérgio já caiu no gramado com a perna deslocada no joelho, num impressionante acidente, que – mercê de

Deus – não resultou consequências mais graves senão a de trazer-lhe à alma de adolescente o complexo de uma decepção e a mágoa de uma renúncia... estava irremediavelmente invalidado para o esporte, uma das tendências mais marcantes de sua personalidade...

Antes do acidente, observando a destacada atuação do Sérgio – um moço-bacharel indagou dos circunstantes: "quem era aquele jogador?"... Informaram que eram Fulano, filho de Ciclano. E o bacharel-moço disse: "Então *até* Ciclano, através do filho, está *também* cooperando"... Ouvíamos e... calamos, eis que o pensamento incontidamente embrenhou-se no passado distante e vimos – com os olhos da memória – um pasto de capim-gordura onde dormitava um velho burrico de carroça, um coqueiro com seu cacho pendente e amarelo bem no centro da declividade do terreno – e um moço forte e suado empunhado uma baliza, outro moço, seu dileto amigo, focalizando o nível e um pretinho alcunhado de Engenhoca carregando e batendo estacas... cena resultante de esforçados êxitos e marco inicial de grandes e abnegadas lutas... Sim, *só então*, nós cooperávamos nos eventos esportivos de nossa terra – concordamos com serena renúncia e humildade na alma – mas, naquele dia aziago, nossa "tardia e inesperada" "cooperação" teve a sublimidade de um impiedoso sacrifício – porque consubstanciada numa das mais doridas angústia de nossa vida...

Nunca mais voltamos... faz 28 longos anos...

FIM

(Pretendíamos, como ficou dito algures nesta arenga "estórica", nomear toda a saudosa turma – eles e elas – alguns ainda "aqui'... dispersos na realidade tangível da vida... tantos outros já "além"... reunidos no enigma imponderável da morte... entretanto, deliberamos não o fazer, assim contornamos possíveis omissões, naturais, aliás, neste "lusco-fusco" da memória de um velho – já algo nevoenta, algo já "decorada" de "teias de aranha" que a fatalidade do tempo vai tecendo no crânio da gente... Assim, ao invés de homenageá-los individualmente, nós o fazemos a todo, abrangendo na nossa saudade de velho todo aquele pugilo de moços irmanados num mesmo ideal de confraternização e altruísmo...).

7 GETÚLIO, O FILÓSOFO E HISTORIADOR

(Coluna do Bi Moreira na "Tribuna de Lavras", 1.º de julho de 1973)

(Escrevendo o que me ditava o coração – ainda sob efeitos que me provocara a leitura das memórias do Getúlio sobre o Lavras Sport Club (seu nascimento, vida e morte...) – produzi a página que se vai ler. Conversando com o capitão do Afonso, este me contou outros episódios, como o de que era ele um dos que calejaram as mãos no cabo da picareta, sob as vistas do Juca Venerando. Mas tudo isso está na história ou estória (como o autor dizia) que o Getúlio escreveu e que vou divulgar em folhetins, logo que conseguir os clichês para ilustrar este trabalho de grande importância histórica. Antes disso – e homenageando uma figura frequentemente citada pelo Getúlio – pretendo divulgar, no dia 20 de julho – aniversário da Olímpica – ou no dia 3 de agosto – aniversário do "Lavras" – a crônica que o Jorge Duarte escreveu sob o título "Um Sonho de Moços", preparando o espírito dos leitores para a mais autêntica história do esporte lavrense, que ficaremos a dever à pesquisa paciente e metódica do autodidata que empresta o seu nome ao título desta crônica).

Se fosse lícito ou permitido aos mortos ressuscitarem para um protesto, estaríamos, nessa hora, assistindo a uma destas manifestações.

Porque o nosso morto de hoje era um filósofo à sua moda, inteiramente avesso a qualquer apreciação lisonjeira que se fizesse, embora a merecesse, e muito.

Autodidata dos mais notáveis que temos conhecido, ele soube transformar as primeiras lições de contabilidade aprendidas com Firmino Costa na base de uma cultura contábil que se tornou conhecida e admirada pelos homens do fisco, que, lendo um recurso feito por Getúlio, pensavam ter sido ele escrito por um jurisconsulto, tal era o conhecimento da lei e tal era o estilo claro e correto do arrazoado.

Só isso bastaria para que Lavras se orgulhasse dele.

Mas ele era também desenhista, com espírito criativo, como o demonstram alguns trabalhos, inclusive um em que se aparecia uma criança com um bico na boca tentando assoprar uma vela.

E era o decano dos bancários, pois fora contador da primeira agência bancária instalada nesta cidade, a do Crédito Real, de que era gerente o Cel. Pedro Sales. O Jorge Duarte completava o quadro de funcionários.

Não é tudo. O seu nome está ligado, de forma concreta, à história do esporte em nossa terra. Não só do futebol, como um dos fundadores do Lavras Sport Club, como do esporte especializado, notadamente da ginástica, que praticava num centro de cultura física que havia onde hoje está o Bar Tujague.

Em relação ao Lavras, se não bastasse a sua participação física – quer na defesa das cores do "club amado", como aguerrido zagueiro, quer segurando a mira, ou quer no cabo da enxada ou da picareta ou empurrando carrinhos-de-mão na construção do campo da Rua do Fogo – há pouco tempo concluiu a história da agremiação de que fora primeiro presidente e de que fora, através dos anos, um incansável colaborador.

Nessa história vívida e vivida, em que há "sangue, suor e lágrimas", a gente sente a sua presença e percebe um lirismo comovedor na narração de certas cenas e descobre, na evocação do início do idílio com aquela que viria a ser sua extraordinária companheira, um sentimentalismo que o Getúlio procurava encobrir com o seu temperamento de filósofo.

Há poucos dias mencionei esta história. E, poucos dias depois, recebi a visita de Cícero Morais, de quem tinha os originais de um livro de reminiscências da Lavras de 1916 a 1920. Entreguei-lhe os originais e pedi que me mandasse cópia dos mesmos, que, há cerca de uma semana, entreguei ao Ari Florenzano, que, na manhã de hoje, me confessou que havia chorado ao terminar a leitura.

O livro do Getúlio sobre o "Lavras" vai provocar reações semelhantes entre aqueles que chegarem a lê-lo, mesmo não tendo vivido naquela época. São nomes e fatos de um tempo distante que o autor soube reviver, fazendo-nos participantes daquele idealismo de um grupo de jovens que deram à cidade propriamente dita um campo de futebol, pois só existia um, muito acanhado, na chácara do Ginásio, como era chamado o Instituto Gammon.

Sei que estou me estendendo muito, mas era necessário que os lavrenses soubessem que no corpo pequeno, mas robusto – não fora ele um atleta na juventude? – desse homem havia um coração sensível. E era preciso que se soubesse, também, que, na simplicidade da vida e na modéstia do porte desse cidadão, se escondia sólida cultura, conquistada a custo de esforço e sacrifício, revelados na luta constante de seu portador, que soube curtir a adversidade, tirando dela lições e exemplos, que soube transmitir aos filhos e revelar à terra em que nasceu e soube amar e servir, e que explica e justifica a homenagem que os seus conterrâneos lhe prestam, trazendo-lhe o corpo para a velha necrópole em que dormem os

nossos mortos queridos, cuja memória, como a do Getúlio, pode e deve ser honrada através do esforço e do trabalho, servindo honestamente a um são idealismo.

8 VULTOS DO PASSADO

(Lista de pessoas ligadas ao Lavras)[68]

- **Jogadores**

Adaberto de Carvalho, Alberto Bataglia, Alberto de Carvalho, Alexandre Mesquita, Alfredo Fantazini, Américo Grandi, Anhanguera, Antônio Hermeto Corrêa da Costa, Antônio Justino Pereira, Aristides, Arthur Azevedo (Tusinho), Augusto Selvatti, Bahito, Barão, Barbudo, Benuarte, Camundongo, Canhoto, Capitão, Caruá, Celso Bueno da Fonseca, Cirilo Novaes, Clóvis, Coelho, Custódio, Dé, Dilermando, Dito, Erasmo Emrich, Erasto, Ernani Selvatti, Eurico, Ezelino Falsoni, F. P. Cunha, Fenelon Coutinho, Getúlio de Oliveira, Guegué, Ismael Bueno da Fonseca, Jacinto Scorza, Jair Corrêa, Japonês, João da Costa Ribeiro, João Romaniello, João Sidney, João Valeriano, Joaquim Gonçalves (Quimquim), Joaquim Monteiro, Jonas Soeiro, Jorge Duarte, José Andrade Botelho, José Custódio de Mesquita, José Geraldo, José Mesquita Primo, José Pádua, Juca Procópio, Juca Venerando, Júlio Sidney, Lázaro de Azeveo Mello, Leopoldo Vieira, Leovegildo Bueno da Fonseca Filho, Lourival, Lula, Luiz Salles, Maéco, Marco, Marreta, Matuia, Manoel Alves, Morgado, Nazareno, Nelson Arbex Dinamarco, Nelson Figueiredo, Nenenzinho, Neuzico, Paulo Cavalcanti, Pedro, Plínio, Renault Pádua, Sílvio Moreira, Sílvio Teixeira de Carvalho, Sólon de Barros, Tena, Tomé, Tutuia, Urias Dias de Mello, Verdi Pádua, Vicente, Waldomiro Salles, Zoroastro Marafelli, entre outros.

- **Diretoria**

Adalberto Carvalho, Américo Grandi, Arthur Azevedo, Augusto Selvatti, Cirilo Novaes, Domingos Cezarini, Erasmo Emrich, Ernani Selvatti, F. P. Cunha, Fenelon Coutinho, Getúlio de Oliveira, João Modesto de Souza, Joaquim Monteiro, Jorge Duarte, José Alvarenga, José Custódio de Mesquita, José Hermeto Corrêa da Costa, Júlio Sidney, Leovegildo Bueno da Fonseca Filho, Nelson Figueiredo, Raphael Mallar, Sílvio Moreira, Sílvio Teixeira de Carvalho.

- **Torcida Feminina**[69]

Acyra Murad, Adélia Marafelli, Alexa Felisberto, Ameriquinha Paiva, Anália de Oliveira, Anita Bandeira, Aparecida Carvalho, Augustinha Villela, Carmelita Dessimoni, Chaninha Pádua, Elisa Paiva, Elza Moura, Guiomar Tourino, Helena Oliveira, Henriqueta Bandeira, Hermínia Moreira do Amaral, Idinha Menicucci, Isaura Pádua, Jenny Silveira, Julieta Paiva, Júlia Andrade, Leonor Botelho, Margarida Noguères, Maria Andrade Souza, Maria Bini, Maria Paiva, Maria Raphaela Florenzano, Nair Pádua, Natália Mesquita, Neném Pádua, Neusa Bueno, Odete de Pádua Florenzano, Ofélia Botelho, Tereza Maia, Yolanda Demoro.

.

[68] De certo, muitos outros nomes infelizmente não sobreviveram nos registros históricos. Os aqui listados foram compilados a partir das seguintes fontes: DUARTE, Jorge (1928); OLIVEIRA, Getúlio de (1972); VILELA, Márcio (2007).

[69] Muitas destas senhoras e senhoritas faziam parte do departamento feminino do clube nos anos 1930 que chegaram a organizar o *Lavras Voleibol Clube* [Cf.: VILELA, Márcio, 2007: 38].

9 REFERÊNCIAS

CBF, Confederação Brasileira de Futebol. *2 a 0, no primeiro jogo da história*. 29 out. 2012. http://www.cbf.com.br/Sele%C3%A7%C3%B5es/Sele%C3%A7%C3%A3o%20Masculina/Not%C3%ADcias/2012/10/29/2%20a%200,%20no%20primeiro%20jogo%20da%20hist%C3%B3ria .

COSTA, Firmino. **Vida Escolar**. Lavras: 1907. Ano I, n. 7, 1 ago. 1907.

GAMMON, Clara G. M. **Assim Brilha a Luz**: A Vida de Samuel Gammon. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

MUNICÍPIO, O. Lavras: 1913-1914. Ano I, n. 2, 7 mar. 1913. Ano II, n. 81, 6 dez. 1914.

NÉMETH-TORRES. **Os 250 Anos da Paróquia de Sant'Ana**: Uma História da Igreja Católica em Lavras. Lavras: Edição do Autor, 2010.

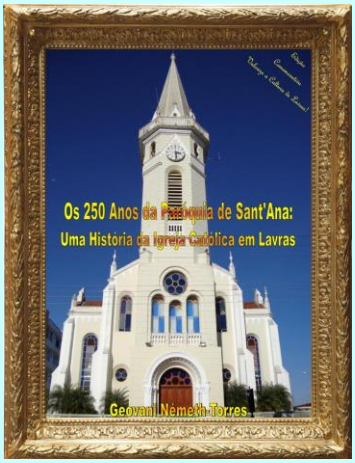
PLACAR, Revista. Editora Abril, n. 1099, dez. 1994, p. 84.

ROSSI, Michelle Pereira da Silva. **"Dedicado à Glória de Deus e ao Progresso Humano": A Gênese Protestante da Universidade Federal de Lavras – UFLA (Lavras, 1892-1938)**. Uberlândia: Tese de Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

BI MOREIRA (Sílvio do Amaral Moreira). In: **Tribuna de Lavras**. Lavras, 1.º jul. 1973.

VILELA, Marcio Salviano. **A Formação Histórica dos Campos de Sant'Ana das Lavras do Funil**. Lavras: Indi, 2007.

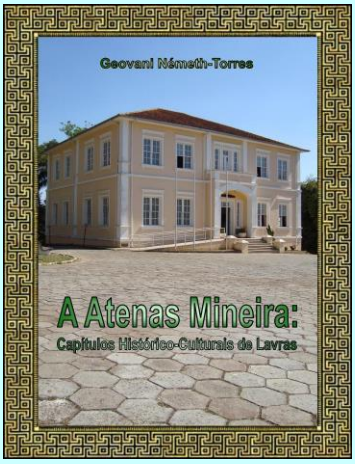
SÉRIE LAVRENSIANA



Volume I:

NÉMETH-TORRES, Geovani. **Os 250 Anos da Paróquia de Sant'Ana**: Uma História da Igreja Católica em Lavras. Lavras: Edição do Autor, 2010. 104 p. [Livro Impresso].

Obra comemorativa que trás os principais aspectos da Igreja Católica em Lavras, desde a fundação do arraial no Século XVIII até o início do Século XXI.



Volume II:

NÉMETH-TORRES, Geovani. **A Atenas Mineira**: Capítulos Histórico-Culturais de Lavras. Lavras: Edição do Autor, 2011. 34 p. [Livro Eletrônico].

Aproveitando o 180.º aniversário do município de Lavras, este opúsculo é um singelo esforço de relembrar algumas memórias da Terra dos Ipês e das Escolas publicadas na quarta fase do jornal "Acrópole".

Volume III:

NÉMETH-TORRES, Geovani. **De Parnaíba às Lavras do Funil**: Subsídios para a História das Origens de Lavras, 1712-1729. Lavras: Edição do Autor, 2012. 29 p. [Livro Eletrônico].

Trata-se de uma pesquisa que trás informações inéditas na historiografia local sobre a fundação e os fundadores de Lavras – Francisco Bueno da Fonseca e seus filhos.